



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA, CONTABILIDADE E
SECRETARIADO EXECUTIVO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

VICTOR ROCHA BARBOSA SOBRAL

O PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO CEARENSE SOB A ÓTICA DO
COMÉRCIO INTERNACIONAL, PRODRUTO E EMPREGO

FORTALEZA

2020

VICTOR ROCHA BARBOSA SOBRAL

O PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO CEARENSE SOB A ÓTICA DO COMÉRCIO
INTERNACIONAL, PRODRUTO E EMPREGO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Ciências Econômicas da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em
Ciências Econômicas.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S661p Sobral, Victor Rocha Barbosa.
O processo de desindustrialização cearense sob a ótica do comércio internacional, produto e emprego /
Victor Rocha Barbosa Sobral. – 2020.
47 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia,
Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências Econômicas, Fortaleza, 2020.
Orientação: Prof. Dr. Carlos Américo Leite Moreira.

1. Desindustrialização. 2. Comercio internacional. 3. Commoditics. 4. Intensidade tecnológica. I. Título.
CDD 330

VICTOR ROCHA BARBOSA SOBRAL

O PROCESSO DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO CEARENSE SOB A ÓTICA DO COMÉRCIO
INTERNACIONAL, PRODRUTO E EMPREGO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Ciências Econômicas da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em
Ciências Econômicas.

Aprovada em: 06/10/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Américo Leite Moreira (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Fabio Maia Sobral

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Júlio Ramon Teles Da Ponte

Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que em toda minha jornada sempre se fez presente auxiliando-me nos momentos mais difíceis.

A toda minha família, em especial a meu pai, José Humberto, a minha mãe Maria Lucioneide e ao meu irmão Bruno, pelo apoio incondicional.

A minha namorada Joanna Rodrigues, que foi grande incentivadora para que eu conseguisse concluir este TCC.

Aos meus grandes amigos Marcelo e Matheus, por todas as vezes que me ajudaram e pela companhia.

A todos os amigos que conquistei durante minha jornada.

RESUMO

O Objetivo deste trabalho é analisar se, no período de 2009 a 2018, o estado do Ceará passou por um processo de desindustrialização e ainda determinar de que maneira esse processo ocorreu, se de forma precoce com fato gerador ou naturalmente. Utilizando dados disponibilizados pelo Instituto de Pesquisa do Ceará (IPECE), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério da Economia via Secretaria de Comercio Exterior (SECEX), analisaremos o comportamento do perfil do comércio internacional cearense, a participação da indústria na composição do produto interno bruto (PIB) e no nível do Emprego estadual. No que tange o comércio internacional cearense, identificaremos os principais setores exportadores, o grau de concentração e o nível de intensidade tecnológica. De posse dessa análise, confirmaremos se realmente ocorreu um processo de desindustrialização no Ceará.

Palavras-chave: Desindustrialização. Comércio internacional. Commodities. Intensidade tecnológica. Ceará.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze whether, in the period from 2009 to 2018, the state of Ceará went through a process of deindustrialization and to determine how this process occurred, whether early or naturally. Using data provided by the Ceará Research Institute (IPECE), Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), Ministry of Economy the Foreign Trade Secretariat (SECEX), we will analyze the behavior of the profile of Ceará's international trade, the participation of industry in composition of gross domestic product (GDP) and at the level of state employment. Regarding the international trade in Ceará, we will identify the main export sectors, the degree of concentration and the level of technological intensity. With this analysis in mind, if a process of deindustrialization really took place in Ceará.

Keywords: Deindustrialization. International trade. Commodities. Technological intensity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Índices de Comércio Exterior	16
Tabela 2 – Comparativo do PIB, Taxa de Crescimento e Participação (2009 – 2018)	17
Tabela 3 – Produto Interno Bruto per capita (2009 – 2018)	18
Tabela 4 – Participação no Produto Interno Bruto do Brasil (2002 – 2017)	18
Tabela 5 – Saldo da Balança Comercial Cearense (2009 – 2018)	19
Tabela 6 – Saldo da balança comercial brasileira (2009 - 2018)	20
Tabela 7 – Exportações cearenses por fator agregado (2009 – 2018)	21
Tabela 8 – Representatividade das exportações cearenses por fator agregado (2009 – 2018)	21
Tabela 9 – Importações cearenses por fator agregado (2009 – 2018)	22
Tabela 10 – Representatividade das importações cearenses por fator agregado (2009 – 2018)	22
Tabela 11 – Exportações brasileiras por fator agregado (2009 – 2018)	23
Tabela 12 – Representatividade das exportações brasileiras por fator agregado (2009 – 2018)	23
Tabela 13 – Importações brasileiras por fator agregado (2009 – 2018)	24
Tabela 14 – Representatividade das importações brasileiras por fator agregado (2009 – 2018)	24
Tabela 15 – Exportações cearenses por categoria de uso (2009 – 2018)	25
Tabela 16 – Representatividade das exportações cearenses por fator categoria de uso (2009 – 2018)	26
Tabela 17 – Importações cearenses por categoria de uso (2009 – 2018)	27
Tabela 18 – Representatividade das importações cearenses por categoria de uso (2009 – 2018)	28
Tabela 19 – Exportações brasileiras por categoria de uso (2009 – 2018)	29

Tabela 20 – Representatividade das exportações brasileiras por categoria de uso (2009 – 2018)	30
Tabela 21 – Importações brasileiras por categoria de uso (2009 – 2018)	31
Tabela 22 – Representatividade das importações brasileiras por categoria de uso (2009 – 2018)	32
Tabela 23 – Exportações cearenses por intensidade tecnológica (2009 – 2018)	33
Tabela 24 – Ceará: categorias exportadas por intensidade tecnológica (2009 – 2018)	34
Tabela 25 – Importações cearenses por intensidade tecnológica (2009 – 2018)	34
Tabela 26 – Ceará: categorias importadas por intensidade tecnológica (2009 – 2018)	35
Tabela 27 – Taxa simples de cobertura (2009 – 2018)	37
Tabela 28 – Taxa de cobertura das importações (2009 – 2018)	38
Tabela 29 – Coeficiente de especialização relativa (2009 – 2018)	39
Tabela 30 – Coeficiente de Especialização (2009 – 2018)	39
Tabela 31 – Market Share (2009 – 2018)	40
Tabela 32 – Participação das atividades econômicas no valor adicionado bruto (2009 – 2017)	41
Tabela 33 – Ceará: participação da indústria no valor adicionado bruto (2009 -2017)	42
Tabela 34 – Ceará: participação das atividades econômicas no valor adicionado bruto (2009 – 2017)	43
Tabela 35 - Ceará: nível de emprego por atividade econômica (2009 – 2018)	44

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Desindustrialização	12
2.1. Desindustrialização Natural ou Positiva	12
2.2. Desindustrialização Precoce ou “Doença Holandesa”, Commodities e Câmbio	13
2.3. Desindustrialização no Brasil	14
3. Aspectos Metodológicos	15
3.1. Taxa Simples de Cobertura da Importações; Taxa de Cobertura das Importações; Market Share; Coeficiente de Especialização das Exportações e Coeficiente de Especialização Relativa	15
3.2. Classificação das categorias de produtos segundo a intensidade tecnológica (MDIC, OMC, OCDE)	16
3.3. Participação dos grandes setores da economia no Valor Adicionado e no Emprego	16
4. Conjuntura Econômica Cearense	17
5. Balança Comercial Cearense	19
5.1. Qualificação do Saldo da Balança Comercial Cearense (2009 – 2018) ...	19
5.2. Balança Comercial Cearense sob a ótica da Intensidade Tecnológica ...	32
5.3. Evolução da Pauta: Desempenho revelado pelos setores exportadores	36
5.3.1. Taxa Simples de Cobertura das Importações	36
5.3.2. Taxa de Cobertura das Importações	37
5.3.3. Coeficiente de Especialização Relativa	38
5.3.4. Coeficiente de Especialização	39
5.3.5. Market Share	40
6. Participação da Indústria no Valor Adicionado Bruto e no Emprego Total	40
6.1. Análise da Participação da Indústria no Valor Adicionado Bruto (VAB)	40
6.2. Análise da Participação da Indústria no Emprego Total	44
7. Conclusão	45
8. Bibliografia	46

1. Introdução

No século XX, o comércio internacional foi considerado por muitos países desenvolvidos como a principal fonte de seus respectivos progressos, indicando o livre comércio entre as nações como o ‘caminho’ para os países emergentes alcançarem o patamar de desenvolvimento.

Alguns autores como Ha-Joon Chang (2002), em seu livro *Chutando a Escada*, e alguns outros pertencentes à Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) alertaram que essa estratégia propagada pelos desenvolvidos poderia ser um provável boicote desses países, tendo em vista que todos eles não alcançaram o alto nível de desenvolvimento econômico apenas com o livre comércio; em alguns momentos, foi necessário proteger a indústria nacional por meio de barreiras comerciais. A proposta do Livre Comércio só foi anunciada após os países ricos alcançarem melhor de renda, mostrando que nem eles seguiram suas próprias recomendações, buscando manter as suas respectivas soberanias a um nível mundial. Considerando a época do pós-guerra, planos como New Deal (1939) e o Plano Marshall (1947) tiveram intervenção estatal para fortalecer a economia americana.

A Comissão Econômica para América Latina, em seus trabalhos, aponta a industrialização como condição indispensável para o desenvolvimento econômico, destacando o papel fundamental das exportações nesse processo, já que são um meio de aumentar ou sustentar a produtividade, considerando que a concorrência internacional é bastante competitiva, não possuindo espaço para que as empresas tenham perdas de eficiência. Os cepalinos afirmam que, com base nas exportações, os países “periféricos” podem desenvolver novas atividades e aumentar suas ligações comerciais diretas e indiretas. Com base nesse raciocínio, o estímulo ocasionado pelas exportações seria refletido também nas atividades do mercado nacional, proporcionando um acréscimo no emprego e na renda, e conseqüentemente no bem-estar geral da população, estimulando o crescimento e o desenvolvimento econômico.

Segundo LAMONICA; FEIJO (2011), o Brasil tinha por objetivo equiparar seus resultados aos de países mais desenvolvidos. Nos anos 50, eram perceptíveis as mudanças que estavam ocorrendo em sua estrutura produtiva, a indústria estava se tornando mais dinâmica, igualmente ao setor de serviços. Com os anos, a economia brasileira passou a apresentar taxas de crescimento de seu produto cada vez menores. Quando se comparava com países que possuíam o mesmo nível de estrutura produtiva, sinalizava uma perda de dinamismo. O principal fator que contribuiu para esse resultado foi que nos anos 90 o país passou por um processo de estabilização econômica, que tinham como prioridade a abertura comercial, a estabilização cambial e a diminuição das altas taxas de juros praticadas à época, mas que acabou afetando a indústria brasileira. Com a combinação de fatores, como a apreciação cambial e elevados preços internacionais de commodities, favoreceu-se à especialização da pauta produtiva exportadora em produtos básicos e semimanufaturados, gerando o debate sobre um possível processo de desindustrialização no país.

A desindustrialização é uma alteração econômica causada pela diminuição da capacidade industrial de uma determinada região. ROWTHORN e REMASWANY (1999) caracterizam o processo de desindustrialização como sendo uma diminuição constante da participação do emprego industrial no emprego total de uma região, que pode ser visto como um processo natural do desenvolvimento econômico, pelo que todos os países irão passar ao alcançarem sua maturidade industrial ou um elevado nível de renda per capita, podendo estar relacionado a políticas econômicas mais liberais, tais como as aberturas financeira e comercial, como foram

implementadas em vários países. Igualmente, ainda pode ser decorrente de uma desindustrialização precoce ou Doença Holandesa, que, segundo Bresser-Pereira e Marconi (2008), trata-se de uma situação em que os preços internacionais elevados das commodities promovem a entrada de divisas, gerando a apreciação cambial e fazendo com que a rentabilidade das exportações de manufaturados diminua.

Diversos estudos realizados mostram que, no Brasil, a perda de participação industrial pode estar ocorrendo de fato. Neste raciocínio, o estudo realizado por Avellar et al. (2014) comprova que a indústria brasileira vem perdendo dinamismo ao longo dos anos 2000, evidenciando fragilidade da inserção externa dos produtos industriais brasileiros, principalmente os produtos oriundos das indústrias de alta e média tecnologia.

Tratando-se dos estados brasileiros, onde diversos estudos exploram a mudança na estrutura produtiva, pode-se constatar que vários destes estudos sugerem que há um processo de desindustrialização no Brasil, sendo que devido à concentração industrial no Centro-Sul do país, os resultados no cenário nacional, se tornam distorcidos. Fica evidenciado, portanto, o processo de migração da indústria brasileira, que está saindo do eixo Centro-Sul do país para o eixo Nordeste e Centro-Oeste.

O intuito deste trabalho é analisar se está ocorrendo, de fato, essa desindustrialização no Estado do Ceará, e quais os fatores poderiam explicar esse processo, conforme apontado pela literatura pertinente.

2. Desindustrialização

Neste tópico, trabalharemos a definição de desindustrialização de um modo geral, destacando as teorias existentes na literatura. O tópico será dividido em 3 itens: Desindustrialização Natural; Desindustrialização Precoce, Commodities e Câmbio; e Desindustrialização no Brasil.

2.1. Desindustrialização Natural ou Positiva

ROWTHORN e REMASWANY (1999) caracterizam o processo de desindustrialização como sendo uma diminuição constante da participação do emprego industrial no emprego total de uma região, que pode ser considerado um processo natural do desenvolvimento econômico, pelo que todos os países irão passar ao alcançarem sua maturidade industrial ou alto nível de renda per capita.

Segundo OREIRO e FEIJÓ (2010), a desindustrialização pode ter um viés positivo, quando a participação da indústria no emprego e no valor adicionado recua em função da transferência para o exterior das atividades manufatureiras mais intensivas em trabalho e com menor valor adicionado. A pauta exportadora da economia em processo desindustrialização será composta de produtos com maior conteúdo tecnológico e maior valor agregado.

SOUZA (2013) aborda o assunto afirmando que a desindustrialização nem sempre é negativa, porque a diminuição da participação no setor industrial no seu PIB decorrente de um aumento da participação no setor de serviços é tida como natural e necessária ao desenvolvimento econômico.

Esse processo se daria por causa da maior tendência de crescimento da elasticidade renda da demanda de serviços “vis-à-vis”, a elasticidade renda da demanda por manufaturados. A continuidade do desenvolvimento econômico gerará um processo simultâneo de aumento da participação dos serviços e diminuição da parcela da indústria no PIB, a partir de certo nível de renda per capita oriunda do progresso técnico. Ademais, com o considerável aumento da produtividade do trabalho na indústria em relação aos serviços, a participação do emprego industrial deverá iniciar seu processo de declínio antes da diminuição da participação da indústria no valor adicionado.

SILVA e LOURENÇO (2014) explicam que a desindustrialização natural pode ocorrer mesmo quando a economia apresenta crescimento na renda per capita, em que a indústria de transformação atinge o ponto de maturidade que lhe permite esgotar todas as possibilidades de resultante do próprio processo de industrialização. A partir disso, essa estrutura produtiva e o emprego passam a migrar para o setor de serviços, condicionando-o à sua expansão, modernização e diversificação em maior escala que as mudanças percebidas no setor de agricultura e da indústria de transformação.

ROWTHORN e REMASWANY (1999, apud OREIRO e FEIJÓ, 2010, p. 220) explicam que “a desindustrialização em economias avançadas não é necessariamente um fenômeno indesejável, mas essencialmente uma consequência do dinamismo”.

Souza (2013) discute que o processo de desindustrialização natural não implicará, necessariamente, na extinção da indústria. A diminuição de sua importância é apenas relativa, mesmo com o emprego industrial. Países que passaram por tal processo continuam tão industrializados quanto antes.

2.2. Desindustrialização Precoce ou “Doença Holandesa”, Commodities e Câmbio

Para Bresser-Pereira (2008), o fenômeno da Doença Holandesa é uma falha de mercado caracterizada pela existência de recursos naturais em abundância e baratos, que podem vir a se tornar um grande obstáculo ao desenvolvimento econômico, pois geram vantagens comparativas ao país que os possui, levando-o à especialização na produção de tais bens. Esse processo acarretaria na apreciação da taxa de câmbio, inviabilizando a atividade industrial, que não possui capacidade de competir em custos com os concorrentes internacionais. O problema existe em decorrência de um movimento de apreciação da taxa de câmbio real, o da entrada de divisas oriundas das exportações de commodities, que prejudica a relação de competitividade de bens mais intensivos em tecnologia da pauta exportadora.

Modelos de desindustrialização precoce dividem a economia em três setores: serviços, manufaturados e recursos naturais (commodities). A formação dos preços dos bens manufaturados e os de intensivo em recursos naturais são fixados internacionalmente, e os preços do setor de serviços são determinados localmente.

O modelo mostra que a apreciação do câmbio dar-se-ia por um aumento desproporcional dos preços do setor de serviços em relação ao de manufaturados, devido ao crescimento do setor recursos naturais (commodities), que poderia ser gerada por uma mudança na função de produção; essa mudança se daria pela descoberta de novos recursos ou de um aumento dos preços do produto no mercado internacional.

A evolução do setor de recursos naturais (commodities) aumentaria a renda gerada pelos fatores de produção utilizados nesse setor e pode vir a gerar dois efeitos principais. O primeiro seria o efeito de gastos, que produziria a renda extra gerada no setor de recursos naturais (commodities) a ser gasta no setor de serviços. O segundo seria o efeito deslocamento dos recursos produtivos para o setor de recursos naturais (commodities), que tornaria mais intensivo e relevante o trabalho, levando-o a gerar melhor remuneração do trabalho neste fator de produção.

Com essa mudança de recursos produtivos dos outros setores da economia para o de recursos naturais (commodities), ocorre uma diminuição do produto no setor manufaturados e de serviços, causando desindustrialização e maior pressão sobre os preços dos serviços, o que gera uma nova forma de apreciação do câmbio. O efeito de gastos gerados pela renda extra do setor de recursos naturais e a mudança de recursos produtivos resultam em uma diminuição da participação da produção de manufaturados em relação ao de serviços, e em apreciação da taxa de câmbio real; isto é, no aumento dos preços no setor de serviços em relação ao setor de manufaturados.

Para CARVALHO (2007, apud SOUZA, 2016, p.16), há uma realocação da estrutura produtiva que passa a ser voltada para atividades com mais vantagens comparativas, consequência direta do processo de liberalização comercial. O problema ocasionado pela liberalização comercial é que, geralmente, favorecem à realização de atividades com menor intensidade tecnológica.

O resultado será a desindustrialização, a diminuição da participação da atividade industrial na geração do produto e no emprego. Nessas condições, o efeito da abundância de recursos naturais ocorrerá um recuo da estrutura produtiva, causando dificuldade da economia em obter taxas crescentes e sustentáveis em um longo prazo.

2.3. Desindustrialização no Brasil

No Brasil, diversos estudos sugerem que a retração da participação da indústria brasileira no PIB deriva da persistente apreciação do câmbio real provocada pela “reprimarização” da pauta exportadora.

Osório (2012, apud Moreira & Magalhães, 2014, p.91) afirma que o Brasil está inserido no novo padrão exportador de reprodução do capital, no qual predomina a especialização produtiva, mas que esse novo padrão é divergente do modelo primário exportador que vigorou até o início do século XX. O novo modelo promove uma destruição importante de segmentos da estrutura industrial, causando a desindustrialização relacionada com a forte especialização da produção e da base exportadora em commodities agrícolas e metálicas, assim como produtos industriais de baixo valor agregado, sempre aproveitando vantagens comparativas, naturais e no comércio internacional. A base deste modelo está na presença do capital nacional e estrangeiro, em que o capital nacional se dedica a atividades de baixo valor agregado, e o estrangeiro está presente em todas as atividades. Esse padrão econômico, voltado ao mercado externo, promove precarização do trabalho e perda do poder aquisitivo, fazendo com que a produção seja toda voltada ao mercado consumidor externo. No Brasil, esse processo de “reprimarização” da desindustrialização não foi resultado da falta de dinamismo do mercado consumidor interno, pois foi estimulado a partir da expansão de crédito e de políticas de valorização do salário mínimo.

“A lógica da política de estabilização, baseada na elevação significativa das taxas de juros reais, foi determinante para a sobrevalorização da moeda nacional. A combinação de juros

elevados e câmbio apreciado promoveram consequências significativas para nossa inserção produtiva. O primeiro impacto está associado à constituição de um processo de “reprimarização” da pauta exportadora brasileira” (Moreira e Magalhães, 2014, p.93)

Analisando a evolução da balança comercial brasileira, no período de 2002 a 2007, Bresser-Pereira e Marconi (2010) constataram que com o aumento das exportações de commodities houve uma apreciação da taxa de câmbio, definindo uma variação entre a taxa de câmbio de equilíbrio corrente e a taxa de câmbio industrial. Além disso, no período, o setor de manufaturados apresentou limitado crescimento da sua representatividade na balança comercial, quando comparado ao setor de commodities. Observaram também que o comportamento das compras e das vendas de commodities é influenciado por outros fatores, além do câmbio, fazendo com que a balança comercial das commodities evoluísse de forma desassociada da taxa de câmbio. As commodities também apresentaram maior evolução no valor adicionado total, resultante dos preços e da quantidade exportada. Outro ponto mencionado pelos autores, que colabora com a tese do processo de desindustrialização brasileira, foi a elevação menor do PIB da indústria brasileira em relação à elevação do PIB industrial de outros países em desenvolvimento e o fato de o setor de alta tecnologia ter avançado menos do que a indústria geral.

OREIRO E FEIJÓ (2010) destacam que a taxa de crescimento da indústria somente superou a taxa de crescimento do PIB nos anos 2000, 2003 e 2004, mostrando a perda de dinamismo da indústria no período. Esse movimento esteve associado a um contexto de forte apreciação da taxa de câmbio real, principalmente no período pós-2003, em que se constatou um processo de desindustrialização ainda mais nítido ao avaliar a participação do valor adicionado da indústria de transformação a preços de 1995. Dado que, no período, a maior participação da indústria em relação ao agregado nacional foi registrada em 1996, e ainda que se considerem as recuperações posteriores, o peso do setor não se aproximou dos valores obtidos na segunda metade da década de 1991/2000, o que reforça o efeito negativo da tendência à apreciação do câmbio sobre o setor manufatureiro.

Silva (2014) realiza uma análise dos indicadores tradicionais (participação do emprego industrial no emprego total e participação do valor adicionado da indústria no PIB), o autor esclarece que não é possível afirmar que o Brasil passa por uma desindustrialização precoce, mas que é possível identificar que a indústria está indo para esse caminho. No Brasil, o setor industrial é bastante diversificado e possui muitos subsetores concorrentes em preços, tendo o câmbio causado a ‘queda’ do valor adicionado em relação ao PIB. Todavia, o câmbio não tem apresentado muita influência sobre os subsetores que são concorrentes em qualidade, fazendo com que o valor adicionado nesses setores em relação ao PIB possa até apresentar crescimento. Quando se faz a análise em relação ao emprego, o autor menciona que os elevados custos burocráticos, aliados à expectativa de recuperação da economia, fazem com que as empresas retenham trabalhadores e reduzam a quantidade de horas trabalhadas. O autor conclui que a afirmação de que o Brasil passa por uma desindustrialização precoce não pode ser sustentada, pois a redução do emprego industrial somente pode ser de caráter estatístico ou apenas cíclico.

3. Aspectos Metodológicos

Os dados utilizados são de origem secundária e provindos dos seguintes órgãos: Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC); COMEXSTAT; Ministério da Economia; Ministério do Trabalho e Emprego (MTE); Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) e Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

3.1. Taxa Simples de Cobertura da Importações; Taxa de Cobertura das Importações; Market Share; Coeficiente de Especialização das Exportações e Coeficiente de Especialização Relativa.

Para analisar o possível processo de desindustrialização sob a esfera do comércio exterior, foram utilizados os seguintes índices: Taxa Simples de Cobertura da Importações (TC), Taxa de Cobertura das Importações (TCM), Market Share (MS), Coeficiente de Especialização das Exportações (CS) e Coeficiente de Especialização Relativa (CSR).

Tabela 1 – Índices de Comércio Exterior

Índice	Fórmula	Interpretação
Taxa Simples de Cobertura das Importações	$TC_{EST} = \frac{X_{EST}}{M_{EST}}$	Mede a capacidade das exportações (do estado ou região) de cobrirem suas importações
Taxa de Cobertura das Importações	$TC_{EST/BR} = \frac{X_{EST}/M_{EST}}{X_{BR}/M_{BR}}$	Indicador de vantagens comparativas reveladas, que incorpora o comportamento das importações. Quando TCM para estado ou setor for maior que a unidade (TCM>1), identifica-se uma vantagem comparativa em termos de cobertura das importações.
Market Share	$MS_{EST/BR} = \frac{X_{EST} + M_{EST}}{X_{BR} + M_{BR}}$	Representa a participação do comércio mundial do estado ou setor
Coeficiente de Especialização da Exportações	$CS = \frac{X_{SETOR/EST}}{M_{SETOR/EST}}$	Expressa a participação das exportações. São considerados setores concentrados aqueles cujas as estortações estiverem acima de 80% do total da pauta.
Coeficiente de Especialização Relativa	$CSR = \frac{X_{SETOR/EST}/X_{TOTAL/EST}}{X_{SETOR/BR}/X_{TOTAL/BR}}$	Expressa a relação entre a importância das exportações do setor no estado e a importância das exportações do setor nacional. Caso o CSR > 1, significa que o estado é relativamente mais especializado, assim apresentando vantagem comparativa. O contrário ocorre quando CSR < 1.

Fonte: Elaborado pelo autor com base Fontenele e Pereira de Melo (2005)

3.2. Classificação das categorias de produtos segundo a intensidade tecnológica (MDIC, OMC, OCDE).

Este tópico busca identificar se houve processo de desindustrialização sob a ótica do comércio exterior, pois exhibe o grau de tecnologia industrial empregado nos setores tanto exportadores quanto importadores da região. O MDIC (Ministério da Indústria e Comércio Exterior) adota a classificação da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), apresentando a seguinte classificação: indústria de alta tecnologia, de média alta tecnologia, média baixa tecnologia, baixa tecnologia e sem classificação tecnológica.

3.3. Participação dos grandes setores da economia no Valor Adicionado e no Emprego

Sob a ótica da produção, analisaram-se as participações dos principais setores da economia (agropecuária, indústria e serviços) no Valor Adicionado Bruto, dando maior importância para a indústria.

4. Conjuntura Econômica Cearense

O Ceará é o quarto maior estado do Nordeste, com o território de 148.826 mil km² e uma população de, aproximadamente, 9 milhões de habitantes. Atualmente, o Ceará ocupa a posição de 3^a maior economia nordestina e a 12^a do Brasil, com base em 2017. O PIB cearense em 2018 foi de R\$ 154 Bilhões, de acordo com estimativas do IPECE e do IBGE. Valor correspondente a 15,51% do PIB nordestino e 2,25 do PIB Brasileiro, em 2017.

No pós-crise 2008, o Ceará tem se sobressaído no cenário nacional, no ponto de vista econômico e na perspectiva social. A economia cearense conseguiu manter um ritmo de crescimento próximo ao registrado pela economia nacional, o que tem permitido reduzir uma distância histórica com relação ao restante do país.

O Ceará tem apresentado taxas de crescimento econômico próximas das alcançadas pelo Brasil, em alguns períodos chega a ser superior, consequência dos elevados investimentos públicos em áreas estratégicas para o desenvolvimento do Estado. A evolução das infraestruturas hídricas, portuárias, aeroportuárias, rodoviárias e energéticas tem gerado o interesse de importantes empresas como a Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), bem como o fortalecimento do setor turístico cearense. Grande parte desse avanço é decorrente do constante equilíbrio fiscal, conquistado ao longo dos anos, que possibilitou ao Estado realizar relevantes investimentos, fazendo uso de recursos próprios ou com recursos oriundos de operações de crédito nacionais e internacionais, resultando no aumento de competitividade da economia cearense e estimulando a que ocorram mais investimentos privados nos diversos setores produtivos do Estado.

A Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), é um dos maiores impulsionadores da economia cearense. Localizada em uma área de 571 hectares, a CSP integra o Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), dentro da primeira Zona de Processamento de Exportação (ZPE) brasileira. A usina, uma das mais modernas do Brasil, iniciou a produção de placas de aço em junho de 2016, impulsionando as exportações cearenses. A produção é voltada para geração de produtos laminados de alta qualidade para a indústria naval, de óleo & gás, automotiva e construção civil. Após sua instalação, o setor de Ferro e Aço se tornou o principal exportador cearense, responsável por mais de 50% do total exportado, nos anos de 2017 e 2018.

No contexto atual, o Ceará apresenta uma estrutura econômica classificada como intermediária. Com produção voltada para bens intermediários e bens de consumo, principalmente nos setores de bens industriais elaborados e bens de consumo semiduráveis e não-duráveis. No período estudado, é possível observar uma leve mudança estrutural nos setores da economia do estado, principalmente nos últimos anos analisados.

Como podemos observar na tabela, o PIB do Brasil registrou, em 2018, um valor de R\$ 6.889.176 milhões, enquanto que o PIB do Ceará alcançou, em 2018, um montante de R\$ 154.988 milhões.

Tabela 2 – Ceará: Comparativo do PIB, Taxa de Crescimento e Participação (2009 – 2018)

Ano	Valor Corrente do Produto Interno Bruto (PIB) (R\$)			Taxa de Crescimento (%)			Participações PIB (%)	
	Ceará	Nordeste	Brasil	Ceará	Nordeste	Brasil	PIB_CE/PIB_NE	PIB_CE/PIB_BR
2009	R\$ 67.199.958.047,11	R\$ 451.905.507.212,97	R\$ 3.333.039.338.980,00				14,87	2,02
2010	R\$ 79.336.299.281,05	R\$ 522.769.314.508,89	R\$ 3.885.847.000.000,00	6,75	6,61	7,53	15,18	2,04
2011	R\$ 89.695.828.418,69	R\$ 583.412.756.180,34	R\$ 4.376.382.000.000,00	3,89	4,06	3,97	15,37	2,05
2012	R\$ 96.973.752.892,21	R\$ 653.067.255.327,42	R\$ 4.814.760.000.000,00	1,63	2,98	1,92	14,85	2,01
2013	R\$ 109.036.556.365,04	R\$ 724.523.790.296,47	R\$ 5.331.618.956.646,31	5,06	3,06	3,00	15,05	2,05
2014	R\$ 126.054.471.619,60	R\$ 805.099.102.504,48	R\$ 5.778.952.780.000,01	4,18	2,82	0,50	15,66	2,18
2015	R\$ 130.629.848.525,34	R\$ 848.579.383.466,86	R\$ 5.995.787.000.000,00	-3,42	-3,35	-3,55	15,39	2,18
2016	R\$ 138.422.520.659,73	R\$ 898.361.846.671,97	R\$ 6.269.328.000.000,00	-4,08	-4,55	-3,28	15,41	2,21
2017	R\$ 147.890.391.755,39	R\$ 953.213.241.073,17	R\$ 6.583.319.000.000,00	1,49	1,65	1,32	15,51	2,25
2018*	R\$ 154.988.866.717,86	-	R\$ 6.889.176.083.599,99	1,01	-	1,32		2,25

Fonte: Elaboração pelo próprio autor a partir de dados do IBGE e IPECE. Notas: (*) Valores estimados, sujeitos a revisão; Dados atualizado em 27/12/2019

O Brasil apresentou, em 2018, um PIB per capita equivalente a R\$ 33.042,00 (Tabela 3). Quando analisamos regionalmente, apesar de o Nordeste ser a terceira região mais rica em termos de PIB em valor corrente, quando adicionamos a variável do tamanho populacional, o Nordeste passa a ser o quinto colocado em termos de PIB per capita, com valor de R\$ 16.449,00 em 2017. O Ceará apresentou, em 2018, um PIB per capita no montante igual a R\$ 17.077,00, representando, aproximadamente, apenas 51% do PIB per capita do Brasil. Isso demonstra o importante desafio que o Estado possui para superar a limitada renda em relação ao país, pois, mesmo sendo a décima primeira maior economia do país, o Ceará é apenas o vigésimo segundo quando se considera o PIB per capita.

Tabela 3 – Produto Interno Bruto per capita (2009 – 2018)

	Produto Interno Bruto per capita (R\$) (Valores Correntes)									
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Brasil	R\$ 17.407,00	R\$ 20.372,00	R\$ 22.749,00	R\$ 24.825,00	R\$ 26.521,00	R\$ 28.500,00	R\$ 29.326,00	R\$ 30.422,00	R\$ 31.702,00	R\$ 33.042,00
Nordeste	R\$ 8.432,00	R\$ 9.849,00	R\$ 10.905,00	R\$ 12.115,00	R\$ 12.986,00	R\$ 14.329,00	R\$ 15.003,00	R\$ 15.748,00	R\$ 16.649,00	R\$ -
Ceará	R\$ 7.826,00	R\$ 9.391,00	R\$ 10.515,00	R\$ 11.268,00	R\$ 12.421,00	R\$ 14.255,00	R\$ 14.670,00	R\$ 15.443,00	R\$ 16.395,00	R\$ 17.077,00

Fonte: Elaboração pelo próprio autor a partir de dados do IBGE e IPECE.

O Sudeste concentra a maior parte da geração de riqueza no país com participação, em 2017, de 52,87%. Na sequência, aparecem as regiões Sul (17,04%), Nordeste (14,48%), Centro-Oeste (10,02%) e Norte (5,59%). Em termos de variação na participação, comparando o ano de 2017 em relação a 2002, os maiores ganhos foram registrados nas regiões Centro-Oeste, com 1,41 pontos percentuais e Nordeste (+1,39 p.p.), seguidos das regiões Sul (+0,81 p.p.) e Norte (+0,89 p.p.). Em direção oposta, para o mesmo período de análise, o Sudeste apresentou queda de 4,51

pontos percentuais. O Ceará apresentou, em 2017, uma participação de 2,25% com um ganho de 0,32 p.p. em relação ao ano de 2002, ocupando a décima segunda posição no país e a terceira no Nordeste (Tabela 4).

Tabela 4 – Participação no Produto Interno Bruto do Brasil (2002 – 2017)

Grandes Regiões e Ceará	Participação no Produto Interno Bruto do Brasil (%)						
	2002	2010	2016	2017	Varição 2017 - 2002 (em p.p)	Varição 2017 - 2010 (em p.p)	Varição 2017 - 2016 (em p.p)
Norte	4,7	5,33	5,38	5,59	0,89	0,26	0,21
Nordeste	13,09	13,45	14,33	14,48	1,39	1,03	0,15
Ceará	1,93	2,04	2,21	2,25	0,32	0,21	0,04
Suldeste	57,38	56,13	53,17	52,87	-4,51	-3,26	-0,3
Sul	16,23	15,96	17,02	17,04	0,81	1,08	0,02
Centro-Oeste	8,61	9,13	10,01	10,02	1,41	0,89	-0,08

Fonte: Elaboração pelo próprio autor a partir de dados do IBGE e IPECE.

5. Balança Comercial Cearense

5.1. Qualificação do Saldo da Balança Comercial Cearense (2009 – 2018)

A evolução do saldo da balança comercial cearense, de 2009 a 2018, expõe sucessivos ‘déficits’ ao longo de todo o período, mas foi nos anos de 2009 e 2010 que o déficit atingiu seu maior percentual de crescimento, chegando a quase 517% de variação. A partir de 2010, o déficit manteve sua trajetória de crescimentos, mas em um ritmo menos acelerado, chegando a variar 60% entre 2011 e 2012. Essa trajetória foi ocasionada pelo incremento da pauta importadora que no ano de 2010 evoluiu aproximadamente 78%, obtendo o valor de US\$ 2,184 bilhões, enquanto que, no mesmo ano, as exportações cresceram apenas 17%. Tal desequilíbrio perdurou até 2017, ano em que as exportações apresentaram sua maior taxa de crescimento.

Tabela 5 – Saldo da balança comercial cearense (2009 – 2018)

Ano	Exportação		Importação		Saldo	
	Valor FOB (US\$)	VAR%	Valor FOB (US\$)	VAR%	Valor FOB (US\$)	VAR%
2009	\$ 1.077.670.757,00	----	\$ 1.226.403.379,00	----	\$ -148.732.622,00	----
2010	\$ 1.267.412.168,00	17,60662	\$ 2.184.460.870,00	78,11928	\$ -917.048.702,00	516,5754
2011	\$ 1.400.888.737,00	10,53143	\$ 2.399.480.912,00	9,843163	\$ -998.592.175,00	8,891946
2012	\$ 1.263.900.256,00	-9,77868	\$ 2.877.841.036,00	19,93598	\$ -1.613.940.780,00	61,62161
2013	\$ 1.419.546.846,00	12,31478	\$ 3.306.836.004,00	14,90683	\$ -1.887.289.158,00	16,9367
2014	\$ 1.469.706.255,00	3,53348	\$ 3.004.351.276,00	-9,14726	\$ -1.534.645.021,00	-18,6852
2015	\$ 1.044.240.550,00	-28,949	\$ 2.686.854.787,00	-10,5679	\$ -1.642.614.237,00	7,035452
2016	\$ 1.294.102.035,00	23,92758	\$ 3.486.379.132,00	29,75689	\$ -2.192.277.097,00	33,46269
2017	\$ 2.102.137.332,00	62,43984	\$ 2.240.832.198,00	-35,7261	\$ -138.694.866,00	-93,6735
2018	\$ 2.342.078.347,00	11,41415	\$ 2.533.343.578,00	13,05369	\$ -191.265.231,00	37,90361

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

No acumulado do período de análise, o Ceará registrou crescimento das exportações, cerca de 117%, mas esse crescimento não foi suficiente para que as exportações fossem maiores que as importações, que no mesmo período, apresentou crescimento de 106%, impossibilitando um superávit da balança comercial. Essas taxas de crescimento, apresentadas pelo Estado do Ceará, proporcionaram ao Estado manter um melhor equilíbrio na balança comercial, possibilitando a diminuição do seu déficit histórico. Para comparação, o Brasil registrou um crescimento de 57% das exportações e 42% das importações, no mesmo período analisado.

Tabela 6 – Saldo da balança comercial brasileira (2009 – 2018)

Brasil: Evolução do Saldo da Balança Comercial						
Ano	Exportação		Importação		Saldo	
	Valor FOB (US\$)	VAR%	Valor FOB (US\$)	VAR%	Valor FOB (US\$)	VAR%
2009	\$ 152.910.580.383,00	----	\$ 127.812.153.899,00	----	\$ 25.098.426.484,00	----
2010	\$ 201.788.337.035,00	31,96493	\$ 181.774.969.378,00	42,22041	\$ 20.013.367.657,00	-20,2605
2011	\$ 255.936.306.857,00	26,83404	\$ 226.244.222.128,00	24,4639	\$ 29.692.084.729,00	48,36126
2012	\$ 242.277.307.190,00	-5,33687	\$ 223.366.721.023,00	-1,27186	\$ 18.910.586.167,00	-36,311
2013	\$ 241.967.561.759,00	-0,12785	\$ 239.681.231.635,00	7,303913	\$ 2.286.330.124,00	-87,9098
2014	\$ 224.974.401.228,00	-7,02291	\$ 229.127.843.314,00	-4,40309	\$ -4.153.442.086,00	-281,664
2015	\$ 190.971.087.339,00	-15,1143	\$ 171.458.999.759,00	-25,1689	\$ 19.512.087.580,00	-569,781
2016	\$ 185.232.116.301,00	-3,00515	\$ 137.585.830.976,00	-19,7558	\$ 47.646.285.325,00	144,1886
2017	\$ 217.739.218.466,00	17,54939	\$ 150.749.494.421,00	9,567601	\$ 66.989.724.045,00	40,598
2018	\$ 239.263.992.681,00	9,885575	\$ 181.230.568.862,00	20,21969	\$ 58.033.423.819,00	-13,3697

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

Essa mudança de trajetória da balança comercial cearense é explicada, em parte, pela mudança de perfil do conjunto de produtos exportados (básicos e industrializados) e, no que diz respeito às importações, um mais expressivo crescimento dos recursos básicos e manutenção dos industrializados, que possuem maior valor agregado.

Nas exportações, os produtos básicos apresentaram uma queda de 22% ao longo do período, e os industrializados cresceram cerca de 190%. Os produtos classificados como básicos representavam algo em torno de 30% do total exportado em 2009, mas foi perdendo força, chegando ao patamar de 11% nos anos de 2017 e 2018. Os industrializados, que representam os produtos semimanufaturados e manufaturados, apresentaram crescimento de sua representatividade, saindo de 64% para 87% do total exportado, mudança essa ocorrida pelo aumento dos produtos semimanufaturados, que representavam apenas 15% da pauta em 2009, com valor de US\$ 165 milhões para 64% da pauta de 2018, com valor de US\$ 1,51 bilhões.

Tabela 7 – Exportações cearenses por fator agregado (2009 – 2018)

Participação Segundo Fator Agregado: Ceará (2009 - 2018)					
Ano	Exportações				
	Básicos	Industrializados (A+B)	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)	Especiais
2009	\$ 361.480.000,00	\$ 698.570.000,00	\$ 165.230.000,00	\$ 533.340.000,00	\$17.620.000,00
2010	\$ 373.310.000,00	\$ 847.840.000,00	\$ 227.000.000,00	\$ 620.840.000,00	\$46.270.000,00
2011	\$ 458.600.000,00	\$ 903.510.000,00	\$ 282.330.000,00	\$ 621.180.000,00	\$38.980.000,00
2012	\$ 333.330.000,00	\$ 891.240.000,00	\$ 292.330.000,00	\$ 598.910.000,00	\$39.340.000,00
2013	\$ 306.050.000,00	\$ 1.087.070.000,00	\$ 260.460.000,00	\$ 826.610.000,00	\$26.430.000,00
2014	\$ 295.420.000,00	\$ 1.148.300.000,00	\$ 293.040.000,00	\$ 855.260.000,00	\$25.980.000,00
2015	\$ 281.260.000,00	\$ 744.470.000,00	\$ 237.610.000,00	\$ 506.860.000,00	\$18.510.000,00
2016	\$ 280.330.000,00	\$ 999.250.000,00	\$ 390.910.000,00	\$ 608.340.000,00	\$14.530.000,00
2017	\$ 250.060.000,00	\$ 1.836.330.000,00	\$ 1.240.000.000,00	\$ 596.330.000,00	\$20.120.000,00
2018	\$ 279.860.000,00	\$ 2.044.890.000,00	\$ 1.510.000.000,00	\$ 534.890.000,00	\$21.760.000,00

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE e do COMEXSTAR/MDIC

Tabela 8 – Representatividade das exportações cearenses por fator agregado (2009 – 2018)

Representatividade Segundo Fator Agregado: Ceará (2009 - 2018)					
Ano	Exportações				
	Básicos	Industrializados (A+B)	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)	Especiais
2009	0,3354	0,6482	0,1533	0,4949	0,0164
2010	0,2945	0,6690	0,1791	0,4898	0,0365
2011	0,3274	0,6450	0,2015	0,4434	0,0278
2012	0,2637	0,7052	0,2313	0,4739	0,0311
2013	0,2156	0,7658	0,1835	0,5823	0,0186
2014	0,2010	0,7813	0,1994	0,5819	0,0177
2015	0,2693	0,7129	0,2275	0,4854	0,0177
2016	0,2166	0,7722	0,3021	0,4701	0,0112
2017	0,1190	0,8736	0,5899	0,2837	0,0096
2018	0,1195	0,8731	0,6447	0,2284	0,0093

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE e do COMEXSTAR/MDIC

Quanto às importações, houve evolução de aproximadamente 470% nos produtos básicos e 53% nos industrializados. Os produtos básicos representavam aproximadamente 13% em 2009 e foram para 36% em 2018, do total importado, saindo de um volume de US\$ 160 milhões pra US\$ 922 em 2018. Os produtos industrializados representavam 86% em 2009 e foram para 61% do total da pauta de importação.

Tabela 9 – Importações cearenses por fator agregado (2009 – 2018)

Participação Segundo Fator Agregado: Ceará (2009 - 2018)					
Ano	Importações				
	Básicos	Industrializados (A+B)	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)	Especiais
2009	\$ 160.520.000,00	\$ 1.061.040.000,00	\$ 31.040.000,00	\$ 1.030.000.000,00	\$ -
2010	\$ 246.160.000,00	\$ 1.942.490.000,00	\$ 22.490.000,00	\$ 1.920.000.000,00	\$ -
2011	\$ 517.780.000,00	\$ 1.880.290.000,00	\$ 60.290.000,00	\$ 1.820.000.000,00	\$ -
2012	\$ 353.070.000,00	\$ 2.525.810.000,00	\$ 75.810.000,00	\$ 2.450.000.000,00	\$ -
2013	\$ 456.330.000,00	\$ 2.846.950.000,00	\$ 56.950.000,00	\$ 2.790.000.000,00	\$ -
2014	\$ 484.030.000,00	\$ 2.517.580.000,00	\$ 37.580.000,00	\$ 2.480.000.000,00	\$ -
2015	\$ 411.620.000,00	\$ 2.274.090.000,00	\$ 44.090.000,00	\$ 2.230.000.000,00	\$ -
2016	\$ 518.790.000,00	\$ 2.972.370.000,00	\$ 62.370.000,00	\$ 2.910.000.000,00	\$ -
2017	\$ 860.810.000,00	\$ 1.377.910.000,00	\$ 87.910.000,00	\$ 1.290.000.000,00	\$ -
2018	\$ 922.640.000,00	\$ 1.613.220.000,00	\$ 113.220.000,00	\$ 1.500.000.000,00	\$ -

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE e do COMEXSTAR/MDIC

Tabela 10 – Representatividade das importações cearenses por fator agregado (2009 – 2018)

Representatividade Segundo Fator Agregado: Ceará (2009 - 2018)					
Ano	Importações				
	Básicos	Industrializados (A+B)	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)	Especiais
2009	0,1309	0,8652	0,0253	0,8399	0
2010	0,1127	0,8892	0,0103	0,8789	0
2011	0,2158	0,7836	0,0251	0,7585	0
2012	0,1227	0,8777	0,0263	0,8513	0
2013	0,1380	0,8609	0,0172	0,8437	0
2014	0,1611	0,8380	0,0125	0,8255	0
2015	0,1532	0,8464	0,0164	0,8300	0
2016	0,1488	0,8526	0,0179	0,8347	0
2017	0,3841	0,6149	0,0392	0,5757	0
2018	0,3642	0,6368	0,0447	0,5921	0

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE e do COMEXSTAR/MDIC

Analisando o contexto nacional por fator agregado, observa-se que as pautas de exportação e de importação se comportaram de maneira distinta da dinâmica observada no estado do Ceará. As exportações brasileiras, no ano de 2009, eram representadas por 40,5% de produtos básicos e 57,4% de industrializados, enquanto no ano de 2018 passou a ser 49,8% básicos e 48,7 industrializados. A perda de representatividade dos produtos industrializados deve-se ao limitado crescimento das exportações de produtos manufaturados, que apresentou variação positiva de 27%, enquanto os semimanufaturados e os básicos evoluíram 48% e 92%, respectivamente.

Tabela 11 – Participação das exportações brasileiras por fator agregado (2009 – 2018)

Participação Segundo Fator Agregado: Brasil (2009 - 2018)					
Ano	Exportações				
	Básicos	Industrializados (A+B)	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)	Especiais
2009	\$ 61.930.000.000,00	\$ 87.790.000.000,00	\$ 20.490.000.000,00	\$ 67.300.000.000,00	\$ 3.190.000.000,00
2010	\$ 89.930.000.000,00	\$ 107.720.000.000,00	\$ 28.200.000.000,00	\$ 79.520.000.000,00	\$ 4.140.000.000,00
2011	\$ 122.410.000.000,00	\$ 128.250.000.000,00	\$ 36.020.000.000,00	\$ 92.230.000.000,00	\$ 5.260.000.000,00
2012	\$ 113.380.000.000,00	\$ 123.520.000.000,00	\$ 33.030.000.000,00	\$ 90.490.000.000,00	\$ 5.570.000.000,00
2013	\$ 113.000.000.000,00	\$ 123.430.000.000,00	\$ 30.520.000.000,00	\$ 92.910.000.000,00	\$ 5.540.000.000,00
2014	\$ 109.480.000.000,00	\$ 109.230.000.000,00	\$ 29.060.000.000,00	\$ 80.170.000.000,00	\$ 6.270.000.000,00
2015	\$ 87.100.000.000,00	\$ 99.190.000.000,00	\$ 26.460.000.000,00	\$ 72.730.000.000,00	\$ 4.680.000.000,00
2016	\$ 79.160.000.000,00	\$ 101.880.000.000,00	\$ 27.960.000.000,00	\$ 73.920.000.000,00	\$ 4.190.000.000,00
2017	\$ 101.600.000.000,00	\$ 111.680.000.000,00	\$ 31.430.000.000,00	\$ 80.250.000.000,00	\$ 4.990.000.000,00
2018	\$ 119.190.000.000,00	\$ 116.600.000.000,00	\$ 30.480.000.000,00	\$ 86.120.000.000,00	\$ 3.470.000.000,00

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE e do COMEXSTAR/MDIC

Tabela 12 – Representatividade das exportações brasileiras por fator agregado (2009 – 2018)

Representatividade Segundo Fator Agregado: Brasil (2009 - 2018)					
Ano	Exportações				
	Básicos	Industrializados (A+B)	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)	Especiais
2009	0,4050	0,5741	0,1340	0,4401	0,0209
2010	0,4457	0,5338	0,1398	0,3941	0,0205
2011	0,4783	0,5011	0,1407	0,3604	0,0206
2012	0,4680	0,5098	0,1363	0,3735	0,0230
2013	0,4670	0,5101	0,1261	0,3840	0,0229
2014	0,4866	0,4855	0,1292	0,3564	0,0279
2015	0,4561	0,5194	0,1386	0,3808	0,0245
2016	0,4274	0,5500	0,1509	0,3991	0,0226
2017	0,4666	0,5129	0,1443	0,3686	0,0229
2018	0,4982	0,4873	0,1274	0,3599	0,0145

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE e do COMEXSTAR/MDIC

No que concerne às importações, pode-se observar que em 2009 os produtos básicos representavam 14,7%; os industrializados, 85,2%. Contudo, no ano de 2018 passaram a ser 10,4% e 89,5%, respectivamente. No período de 2009 a 2018, os produtos básicos apresentaram um decréscimo de 0,15% e crescimento de 49% dos industrializados, sendo um crescimento de 61% dos semimanufaturados e 48% dos manufaturados.

Tabela 13 – Participação das importações brasileiras por fator agregado (2009 – 2018)

Participação Segundo Fator Agregado: Brasil (2009 - 2018)					
Ano	Importações				
	Básicos	Industrializados (A+B)	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)	Especiais
2009	\$ 18.900.000.000,00	\$ 108.910.000.000,00	\$ 5.100.000.000,00	\$ 103.810.000.000,00	\$ -
2010	\$ 23.900.000.000,00	\$ 157.850.000.000,00	\$ 7.100.000.000,00	\$ 150.750.000.000,00	\$ -
2011	\$ 32.080.000.000,00	\$ 194.160.000.000,00	\$ 9.380.000.000,00	\$ 184.780.000.000,00	\$ -
2012	\$ 29.500.000.000,00	\$ 193.870.000.000,00	\$ 9.030.000.000,00	\$ 184.840.000.000,00	\$ -
2013	\$ 33.420.000.000,00	\$ 206.260.000.000,00	\$ 8.190.000.000,00	\$ 198.070.000.000,00	\$ -
2014	\$ 31.580.000.000,00	\$ 197.560.000.000,00	\$ 7.820.000.000,00	\$ 189.740.000.000,00	\$ -
2015	\$ 19.850.000.000,00	\$ 151.610.000.000,00	\$ 6.850.000.000,00	\$ 144.760.000.000,00	\$ -
2016	\$ 14.290.000.000,00	\$ 123.290.000.000,00	\$ 5.640.000.000,00	\$ 117.650.000.000,00	\$ -
2017	\$ 16.130.000.000,00	\$ 134.630.000.000,00	\$ 6.640.000.000,00	\$ 127.990.000.000,00	\$ -
2018	\$ 18.870.000.000,00	\$ 162.350.000.000,00	\$ 8.230.000.000,00	\$ 154.120.000.000,00	\$ -

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE e do COMEXSTAR/MDIC

Tabela 14 – Representatividade das importações brasileiras por fator agregado (2009 – 2018)

Representatividade Segundo Fator Agregado: Brasil (2009 - 2018)					
Ano	Importações				
	Básicos	Industrializados (A+B)	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)	Especiais
2009	0,1479	0,8521	0,0399	0,8122	0
2010	0,1315	0,8684	0,0391	0,8293	0
2011	0,1418	0,8582	0,0415	0,8167	0
2012	0,1321	0,8679	0,0404	0,8275	0
2013	0,1394	0,8606	0,0342	0,8264	0
2014	0,1378	0,8622	0,0341	0,8281	0
2015	0,1158	0,8842	0,0400	0,8443	0
2016	0,1039	0,8961	0,0410	0,8551	0
2017	0,1070	0,8931	0,0440	0,8490	0
2018	0,1041	0,8958	0,0454	0,8504	0

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do IBGE e do COMEXSTAR/MDIC

Analisando por categoria de uso, no ano de 2009 as exportações cearenses eram compostas por bens de capital (0,28%), bens intermediários (28,34%), principalmente insumos industriais elaborados, seguidos de bens de consumo (67%) representados principalmente por bens de consumo semiduráveis e não duráveis. Com a mudança da composição do perfil exportador cearense, os insumos industriais elaborados passaram a representar 68% do volume exportado, enquanto os bens de consumo semiduráveis e não duráveis passaram a representar apenas 25%, no ano de 2018.

Tabela 15 – Exportações cearenses por categoria de uso (2009 – 2018)

Setores de Contas Nacionais - Exportação - CE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total do Período	\$ 1.077.670.757,00	\$ 1.267.412.168,00	\$ 1.400.888.737,00	\$ 1.263.900.256,00	\$ 1.419.546.846,00	\$ 1.469.706.255,00	\$ 1.044.240.550,00	\$ 1.294.102.035,00	\$ 2.102.137.332,00	\$ 2.342.078.347,00
Bens de Capital	\$ 3.012.296,00	\$ 5.105.141,00	\$ 7.740.554,00	\$ 5.646.983,00	\$ 26.009.954,00	\$ 10.760.646,00	\$ 7.120.141,00	\$ 11.562.770,00	\$ 5.165.177,00	\$ 6.165.912,00
Bens de capital, exceto equipamentos de transporte industrial	\$ 3.012.296,00	\$ 5.105.141,00	\$ 7.740.554,00	\$ 5.628.219,00	\$ 9.436.162,00	\$ 4.374.246,00	\$ 7.120.141,00	\$ 9.767.770,00	\$ 5.038.877,00	\$ 5.955.752,00
Equipamentos de transporte industrial	\$ -	\$ -	\$ -	\$ 18.764,00	\$ 16.573.792,00	\$ 6.386.400,00	\$ -	\$ 1.795.000,00	\$ 126.300,00	\$ 210.160,00
Bens Intermediários	\$ 305.447.908,00	\$ 367.928.065,00	\$ 460.763.029,00	\$ 470.055.487,00	\$ 432.166.101,00	\$ 430.396.879,00	\$ 392.564.118,00	\$ 590.064.171,00	\$ 1.412.013.077,00	\$ 1.708.145.530,00
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria	\$ 123.071,00	\$ 49.600,00	\$ 184.323,00	\$ 44.020,00	\$ 32.351,00	\$ 25.031,00	\$ 23.968,00	\$ 28.894,00	\$ 25.548,00	\$ 312.475,00
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria	\$ 271.698,00	\$ 382.756,00	\$ 669.680,00	\$ 810.570,00	\$ 39.438,00	\$ 179.485,00	\$ 549.449,00	\$ 1.000.065,00	\$ 1.319.657,00	\$ 212.981,00
Insumos industriais elaborados	\$ 262.603.659,00	\$ 321.361.576,00	\$ 395.289.467,00	\$ 399.168.349,00	\$ 356.094.812,00	\$ 357.244.024,00	\$ 325.436.526,00	\$ 490.738.622,00	\$ 1.352.795.383,00	\$ 1.603.376.865,00
Insumos industriais básicos	\$ 17.713.740,00	\$ 31.013.868,00	\$ 54.020.018,00	\$ 51.541.827,00	\$ 35.105.639,00	\$ 41.078.989,00	\$ 29.147.203,00	\$ 27.001.101,00	\$ 29.164.578,00	\$ 32.285.644,00
Peças e acessórios para bens de capital	\$ 19.208.813,00	\$ 13.971.600,00	\$ 8.908.036,00	\$ 16.123.216,00	\$ 38.872.085,00	\$ 30.096.170,00	\$ 35.715.524,00	\$ 69.596.133,00	\$ 26.034.315,00	\$ 64.187.255,00
Peças para equipamentos de transporte	\$ 5.526.927,00	\$ 1.148.665,00	\$ 1.691.505,00	\$ 2.367.505,00	\$ 2.021.776,00	\$ 1.773.180,00	\$ 1.691.448,00	\$ 1.699.356,00	\$ 2.673.596,00	\$ 7.770.310,00
Bens de Consumo	\$ 726.237.995,00	\$ 838.921.322,00	\$ 803.969.117,00	\$ 730.129.379,00	\$ 687.297.843,00	\$ 648.432.835,00	\$ 602.958.291,00	\$ 628.596.624,00	\$ 617.459.863,00	\$ 597.628.119,00
Bens de consumo duráveis	\$ 26.989.096,00	\$ 25.016.096,00	\$ 23.890.787,00	\$ 31.202.784,00	\$ 10.668.286,00	\$ 6.770.414,00	\$ 6.578.447,00	\$ 6.858.289,00	\$ 6.637.788,00	\$ 5.125.067,00
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	\$ 699.248.899,00	\$ 813.905.226,00	\$ 780.078.330,00	\$ 698.926.595,00	\$ 676.629.557,00	\$ 641.662.421,00	\$ 596.379.844,00	\$ 621.738.335,00	\$ 610.822.075,00	\$ 592.503.052,00
Combustíveis e Lubrificantes	\$ 17.383.061,00	\$ 53.554.574,00	\$ 120.869.303,00	\$ 56.267.384,00	\$ 272.040.432,00	\$ 378.255.990,00	\$ 40.195.149,00	\$ 61.376.052,00	\$ 64.896.668,00	\$ 28.290.711,00
Combustíveis e lubrificantes elaborados	\$ 17.383.061,00	\$ 53.554.574,00	\$ 43.513.544,00	\$ 56.267.384,00	\$ 272.040.432,00	\$ 378.255.990,00	\$ 40.195.149,00	\$ 15.118.909,00	\$ 18.937.754,00	\$ 28.290.711,00
Combustíveis e lubrificantes básicos	\$ -	\$ -	\$ 77.355.759,00	\$ -	\$ -	\$ -	\$ -	\$ 46.257.143,00	\$ 45.958.914,00	\$ -
Bens não Especificados Anteriormente	\$ 25.589.497,00	\$ 1.903.066,00	\$ 7.546.734,00	\$ 1.801.023,00	\$ 2.032.516,00	\$ 1.859.905,00	\$ 1.402.851,00	\$ 2.502.418,00	\$ 2.602.547,00	\$ 1.848.075,00

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

Tabela 16 – Representatividade das exportações cearenses por categoria de uso (2009 – 2018)

Setores de Contas Nacionais - Exportação - CE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total do Período	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Bens de Capital	0,28%	0,40%	0,55%	0,45%	1,83%	0,73%	0,68%	0,89%	0,25%	0,26%
Bens de capital, exceto equipamentos de transporte industrial	0,28%	0,40%	0,55%	0,45%	0,66%	0,30%	0,68%	0,75%	0,24%	0,25%
Equipamentos de transporte industrial	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	1,17%	0,43%	0,00%	0,14%	0,01%	0,01%
Bens Intermediários	28,34%	29,03%	32,89%	37,19%	30,44%	29,28%	37,59%	45,60%	67,17%	72,93%
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria	0,01%	0,00%	0,01%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,01%
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria	0,03%	0,03%	0,05%	0,06%	0,00%	0,01%	0,05%	0,08%	0,06%	0,01%
Insumos industriais elaborados	24,37%	25,36%	28,22%	31,58%	25,09%	24,31%	31,16%	37,92%	64,35%	68,46%
Insumos industriais básicos	1,64%	2,45%	3,86%	4,08%	2,47%	2,80%	2,79%	2,09%	1,39%	1,38%
Peças e acessórios para bens de capital	1,78%	1,10%	0,64%	1,28%	2,74%	2,05%	3,42%	5,38%	1,24%	2,74%
Peças para equipamentos de transporte	0,51%	0,09%	0,12%	0,19%	0,14%	0,12%	0,16%	0,13%	0,13%	0,33%
Bens de Consumo	67,39%	66,19%	57,39%	57,77%	48,42%	44,12%	57,74%	48,57%	29,37%	25,52%
Bens de consumo duráveis	2,50%	1,97%	1,71%	2,47%	0,75%	0,46%	0,63%	0,53%	0,32%	0,22%
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	64,89%	64,22%	55,68%	55,30%	47,67%	43,66%	57,11%	48,04%	29,06%	25,30%
Combustíveis e Lubrificantes	1,61%	4,23%	8,63%	4,45%	19,16%	25,74%	3,85%	4,74%	3,09%	1,21%
Combustíveis e lubrificantes elaborados	1,61%	4,23%	3,11%	4,45%	19,16%	25,74%	3,85%	1,17%	0,90%	1,21%
Combustíveis e lubrificantes básicos	0,00%	0,00%	5,52%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	3,57%	2,19%	0,00%
Bens não Especificados Anteriormente	2,37%	0,15%	0,54%	0,14%	0,14%	0,13%	0,13%	0,19%	0,12%	0,08%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

Nas importações cearenses, é possível observar que no ano de 2009 elas estão concentradas em bens intermediários (73%), principalmente em insumos industriais elaborados, alimentos e bebidas destinadas à indústria, seguido de bens de capital (12%), combustíveis e lubrificantes (7%), bem como bens de consumo (6%). Já no ano de 2018, o setor de bens intermediários perdeu participação e atingiu o patamar de 51%, enquanto o setor de combustíveis e lubrificantes alcançou 38%.

Tabela 17 – Importações cearenses por categoria de uso (2009 – 2018)

Setores de Contas Nacionais - Importação - CE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total do Período	\$ 1.226.403.379,00	\$ 2.184.460.870,00	\$ 2.399.480.912,00	\$ 2.877.841.036,00	\$ 3.306.836.004,00	\$ 3.004.351.276,00	\$ 2.686.854.787,00	\$ 3.486.379.132,00	\$ 2.240.832.198,00	\$ 2.533.343.578,00
Bens de Capital	\$ 158.626.503,00	\$ 336.180.130,00	\$ 320.520.920,00	\$ 631.371.235,00	\$ 490.136.928,00	\$ 441.626.161,00	\$ 341.968.943,00	\$ 1.852.120.506,00	\$ 144.455.571,00	\$ 175.998.844,00
Bens de capital, exceto equipamentos de transporte industrial	\$ 143.672.811,00	\$ 264.380.482,00	\$ 264.111.374,00	\$ 544.973.244,00	\$ 325.135.042,00	\$ 325.135.042,00	\$ 224.788.262,00	\$ 1.837.010.754,00	\$ 138.751.014,00	\$ 150.662.688,00
Equipamentos de transporte industrial	\$ 14.953.692,00	\$ 71.799.648,00	\$ 56.409.546,00	\$ 86.397.991,00	\$ 116.491.119,00	\$ 116.491.119,00	\$ 117.180.681,00	\$ 15.109.752,00	\$ 5.704.557,00	\$ 25.336.156,00
Bens Intermediários	\$ 901.528.176,00	\$ 1.444.051.387,00	\$ 1.662.182.744,00	\$ 1.769.776.379,00	\$ 1.973.235.091,00	\$ 1.801.707.845,00	\$ 1.321.586.144,00	\$ 1.076.755.354,00	\$ 1.162.654.243,00	\$ 1.305.949.476,00
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria	\$ 137.906.331,00	\$ 189.418.736,00	\$ 320.204.007,00	\$ 282.551.666,00	\$ 358.373.830,00	\$ 210.629.461,00	\$ 210.936.833,00	\$ 226.838.826,00	\$ 234.096.101,00	\$ 240.319.295,00
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria	\$ 31.380.795,00	\$ 32.939.167,00	\$ 79.304.900,00	\$ 85.846.378,00	\$ 80.214.951,00	\$ 67.711.738,00	\$ 53.644.251,00	\$ 55.978.988,00	\$ 64.604.852,00	\$ 51.419.719,00
Insumos industriais elaborados	\$ 664.428.156,00	\$ 1.084.648.804,00	\$ 993.686.381,00	\$ 1.231.381.406,00	\$ 1.355.032.207,00	\$ 1.308.555.910,00	\$ 893.162.276,00	\$ 598.868.384,00	\$ 643.287.890,00	\$ 750.803.407,00
Insumos industriais básicos	\$ 18.279.986,00	\$ 44.287.357,00	\$ 160.228.124,00	\$ 11.556.537,00	\$ 34.027.092,00	\$ 73.365.980,00	\$ 14.536.099,00	\$ 44.465.338,00	\$ 49.364.950,00	\$ 46.295.077,00
Peças e acessórios para bens de capital	\$ 35.230.948,00	\$ 56.248.874,00	\$ 63.204.203,00	\$ 117.750.325,00	\$ 113.456.661,00	\$ 83.702.218,00	\$ 72.104.955,00	\$ 102.223.272,00	\$ 115.668.034,00	\$ 175.762.275,00
Peças para equipamentos de transporte	\$ 14.301.960,00	\$ 36.508.449,00	\$ 45.555.129,00	\$ 40.690.067,00	\$ 32.130.350,00	\$ 57.742.538,00	\$ 77.201.730,00	\$ 48.380.546,00	\$ 55.632.416,00	\$ 41.349.703,00
Bens de Consumo	\$ 75.368.748,00	\$ 84.340.728,00	\$ 110.586.163,00	\$ 130.870.320,00	\$ 128.540.385,00	\$ 145.033.568,00	\$ 111.603.768,00	\$ 71.670.017,00	\$ 79.025.599,00	\$ 80.323.328,00
Bens de consumo duráveis	\$ 17.770.372,00	\$ 18.909.772,00	\$ 20.739.717,00	\$ 23.405.431,00	\$ 25.518.887,00	\$ 21.099.819,00	\$ 16.727.170,00	\$ 9.789.138,00	\$ 14.074.016,00	\$ 14.291.107,00
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	\$ 57.598.376,00	\$ 65.430.956,00	\$ 89.846.446,00	\$ 107.464.889,00	\$ 103.021.498,00	\$ 123.933.749,00	\$ 94.876.598,00	\$ 61.880.879,00	\$ 64.951.583,00	\$ 66.032.221,00
Combustíveis e Lubrificantes	\$ 90.879.952,00	\$ 319.888.625,00	\$ 306.172.954,00	\$ 345.627.885,00	\$ 714.923.600,00	\$ 615.983.702,00	\$ 911.695.932,00	\$ 485.833.255,00	\$ 854.696.785,00	\$ 969.723.961,00
Combustíveis e lubrificantes elaborados	\$ 3.836.169,00	\$ 44.673.573,00	\$ 106.346.568,00	\$ 46.925.405,00	\$ 18.698.860,00	\$ 4.634.743,00	\$ 2.776.222,00	\$ 4.236.702,00	\$ 30.064.877,00	\$ 138.534.933,00
Combustíveis e lubrificantes básicos	\$ 87.043.783,00	\$ 275.215.052,00	\$ 199.826.386,00	\$ 298.702.480,00	\$ 696.224.740,00	\$ 611.348.959,00	\$ 908.919.710,00	\$ 481.596.553,00	\$ 824.631.908,00	\$ 831.189.028,00
Bens não Especificados Anteriormente	\$ -	\$ -	\$ 18.131,00	\$ 195.217,00	\$ -	\$ -	\$ -	\$ -	\$ -	\$ 1.347.969,00

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

Tabela 18 – Representatividade das importações cearenses por categoria de uso (2009 – 2018)

Setores de Contas Nacionais - Importação - CE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total do Período	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Bens de Capital	12,93%	15,39%	13,36%	21,94%	14,82%	14,70%	12,73%	53,12%	6,45%	6,95%
Bens de capital, exceto equipamentos de transporte industrial	11,71%	12,10%	11,01%	18,94%	9,83%	10,82%	8,37%	52,69%	6,19%	5,95%
Equipamentos de transporte industrial	1,22%	3,29%	2,35%	3,00%	3,52%	3,88%	4,36%	0,43%	0,25%	1,00%
Bens Intermediários	73,51%	66,11%	69,27%	61,50%	59,67%	59,97%	49,19%	30,88%	51,88%	51,55%
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria	11,24%	8,67%	13,34%	9,82%	10,84%	7,01%	7,85%	6,51%	10,45%	9,49%
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria	2,56%	1,51%	3,31%	2,98%	2,43%	2,25%	2,00%	1,61%	2,88%	2,03%
Insumos industriais elaborados	54,18%	49,65%	41,41%	42,79%	40,98%	43,56%	33,24%	17,18%	28,71%	29,64%
Insumos industriais básicos	1,49%	2,03%	6,68%	0,40%	1,03%	2,44%	0,54%	1,28%	2,20%	1,83%
Peças e acessórios para bens de capital	2,87%	2,57%	2,63%	4,09%	3,43%	2,79%	2,68%	2,93%	5,16%	6,94%
Peças para equipamentos de transporte	1,17%	1,67%	1,90%	1,41%	0,97%	1,92%	2,87%	1,39%	2,48%	1,63%
Bens de Consumo	6,15%	3,86%	4,61%	4,55%	3,89%	4,83%	4,15%	2,06%	3,53%	3,17%
Bens de consumo duráveis	1,45%	0,87%	0,86%	0,81%	0,77%	0,70%	0,62%	0,28%	0,63%	0,56%
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	4,70%	3,00%	3,74%	3,73%	3,12%	4,13%	3,53%	1,77%	2,90%	2,61%
Combustíveis e Lubrificantes	7,41%	14,64%	12,76%	12,01%	21,62%	20,50%	33,93%	13,94%	38,14%	38,28%
Combustíveis e lubrificantes elaborados	0,31%	2,05%	4,43%	1,63%	0,57%	0,15%	0,10%	0,12%	1,34%	5,47%
Combustíveis e lubrificantes básicos	7,10%	12,60%	8,33%	10,38%	21,05%	20,35%	33,83%	13,81%	36,80%	32,81%
Bens não Especificados Anteriormente	0,00%	0,00%	0,00%	0,01%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,05%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

Fazendo a mesma análise para o cenário brasileiro, pode-se observar que todos os principais setores apresentaram crescimento no período analisado. Bens de Capital cresceram 88%, passando a ser mais representativa na pauta exportadora, que em 2009 era responsável por 7,3% e em 2018 passou para 8,85%. Os Bens Intermediários cresceram 62%, representando 64% da pauta, com destaque para Alimentos e Bebidas Básicos, que tiveram um crescimento de aproximadamente 148%. Os Bens de Consumo cresceram 10%, mas perderam representatividade devido ao baixo desempenho dos bens de consumo semiduráveis e não duráveis. Combustíveis e Lubrificantes cresceram 78%, com destaque para combustíveis e lubrificantes básicos.

Tabela 19 – Exportações brasileiras por categoria de uso (2009 – 2018)

Setores de Contas Nacionais - Exportação - BR	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total do Período	\$ 152.910.580.383,00	\$ 201.788.337.035,00	\$ 255.936.306.857,00	\$ 242.277.307.190,00	\$ 241.967.561.759,00	\$ 224.974.401.228,00	\$ 190.971.087.339,00	\$ 185.232.116.301,00	\$ 217.739.218.466,00	\$ 239.263.992.681,00
Bens de Capital	\$ 11.217.185.827,00	\$ 14.355.020.317,00	\$ 18.121.132.371,00	\$ 19.819.863.504,00	\$ 24.045.691.458,00	\$ 16.660.925.158,00	\$ 15.503.718.175,00	\$ 18.319.103.578,00	\$ 17.017.019.260,00	\$ 21.164.487.530,00
Bens de capital, exceto equipamentos de transporte industrial	\$ 5.699.051.447,00	\$ 7.142.659.192,00	\$ 10.332.206.206,00	\$ 11.672.554.084,00	\$ 16.547.384.324,00	\$ 10.571.900.300,00	\$ 8.463.731.028,00	\$ 10.241.425.674,00	\$ 8.766.345.302,00	\$ 13.731.186.361,00
Equipamentos de transporte industrial	\$ 5.518.134.380,00	\$ 7.212.361.125,00	\$ 7.788.926.165,00	\$ 8.147.309.420,00	\$ 7.498.307.134,00	\$ 6.089.024.858,00	\$ 7.039.987.147,00	\$ 8.077.677.904,00	\$ 8.250.673.958,00	\$ 7.433.301.169,00
Bens Intermediários	\$ 95.798.472.222,00	\$ 130.151.951.357,00	\$ 169.494.673.095,00	\$ 157.943.017.676,00	\$ 159.919.755.809,00	\$ 150.531.849.746,00	\$ 129.774.925.477,00	\$ 123.387.058.302,00	\$ 145.620.935.172,00	\$ 155.500.365.320,00
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria	\$ 17.058.227.196,00	\$ 19.330.038.894,00	\$ 28.327.278.270,00	\$ 29.377.037.488,00	\$ 34.475.169.792,00	\$ 33.823.775.139,00	\$ 32.289.399.061,00	\$ 28.414.518.929,00	\$ 35.572.592.700,00	\$ 42.374.432.904,00
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria	\$ 8.819.463.057,00	\$ 12.362.855.931,00	\$ 15.358.810.684,00	\$ 13.887.411.974,00	\$ 12.207.589.417,00	\$ 10.700.685.979,00	\$ 9.028.717.188,00	\$ 11.184.217.503,00	\$ 12.144.461.257,00	\$ 7.979.695.397,00
Insumos industriais elaborados	\$ 39.230.199.292,00	\$ 47.789.547.810,00	\$ 57.569.044.692,00	\$ 57.421.038.753,00	\$ 55.494.672.880,00	\$ 56.620.731.735,00	\$ 52.732.459.875,00	\$ 49.547.207.249,00	\$ 54.944.470.305,00	\$ 59.950.297.952,00
Insumos industriais básicos	\$ 19.715.953.890,00	\$ 36.407.821.604,00	\$ 51.163.782.871,00	\$ 41.170.090.054,00	\$ 41.875.572.981,00	\$ 34.796.542.387,00	\$ 22.339.166.729,00	\$ 21.295.804.305,00	\$ 28.230.765.653,00	\$ 29.876.102.664,00
Peças e acessórios para bens de capital	\$ 3.604.882.210,00	\$ 4.089.958.197,00	\$ 4.943.685.179,00	\$ 4.741.070.731,00	\$ 4.533.356.335,00	\$ 4.159.024.423,00	\$ 3.883.290.340,00	\$ 3.687.505.869,00	\$ 3.808.498.797,00	\$ 3.805.862.461,00
Peças para equipamentos de transporte	\$ 7.369.746.577,00	\$ 10.171.728.921,00	\$ 12.132.071.399,00	\$ 11.346.368.676,00	\$ 11.333.394.404,00	\$ 10.431.090.083,00	\$ 9.501.892.284,00	\$ 9.257.804.447,00	\$ 10.920.146.460,00	\$ 11.513.973.942,00
Bens de Consumo	\$ 28.259.093.032,00	\$ 32.853.412.409,00	\$ 35.556.636.470,00	\$ 33.182.720.719,00	\$ 35.738.942.369,00	\$ 32.731.533.489,00	\$ 29.259.098.869,00	\$ 29.949.161.652,00	\$ 34.039.042.393,00	\$ 31.194.842.501,00
Bens de consumo duráveis	\$ 4.749.559.816,00	\$ 6.023.042.344,00	\$ 5.818.121.982,00	\$ 5.129.006.806,00	\$ 6.909.100.250,00	\$ 4.501.317.785,00	\$ 4.314.068.059,00	\$ 5.544.699.180,00	\$ 7.693.962.594,00	\$ 6.486.162.803,00
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	\$ 23.509.533.216,00	\$ 26.830.370.065,00	\$ 29.738.514.488,00	\$ 28.053.713.913,00	\$ 28.829.842.119,00	\$ 28.230.215.704,00	\$ 24.945.030.810,00	\$ 24.404.462.472,00	\$ 26.345.079.799,00	\$ 24.708.679.698,00
Combustíveis e Lubrificantes	\$ 17.492.110.035,00	\$ 24.291.285.865,00	\$ 32.591.486.667,00	\$ 31.160.403.506,00	\$ 22.083.743.087,00	\$ 24.848.309.090,00	\$ 16.256.304.363,00	\$ 13.275.731.747,00	\$ 20.921.631.911,00	\$ 31.290.835.318,00
Combustíveis e lubrificantes elaborados	\$ 8.140.836.613,00	\$ 7.997.661.310,00	\$ 10.949.241.599,00	\$ 10.733.709.774,00	\$ 9.103.305.420,00	\$ 8.439.653.641,00	\$ 4.473.335.436,00	\$ 3.106.908.611,00	\$ 4.248.971.722,00	\$ 6.038.580.339,00
Combustíveis e lubrificantes básicos	\$ 9.351.273.422,00	\$ 16.293.624.555,00	\$ 21.642.245.068,00	\$ 20.426.693.732,00	\$ 12.980.437.667,00	\$ 16.408.655.449,00	\$ 11.782.968.927,00	\$ 10.168.823.136,00	\$ 16.672.660.189,00	\$ 25.252.254.979,00
Bens não Especificados Anteriormente	\$ 143.719.267,00	\$ 136.667.087,00	\$ 172.378.254,00	\$ 171.301.785,00	\$ 179.429.036,00	\$ 201.783.745,00	\$ 177.040.455,00	\$ 301.061.022,00	\$ 140.589.730,00	\$ 113.462.012,00

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

Tabela 20 – Representatividade das exportações brasileiras por categoria de uso (2009 – 2018)

Setores de Contas Nacionais - Exportação - BR	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total do Período	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Bens de Capital	7,34%	7,11%	7,08%	8,18%	9,94%	7,41%	8,12%	9,89%	7,82%	8,85%
Bens de capital, exceto equipamentos de transporte industrial	3,73%	3,54%	4,04%	4,82%	6,84%	4,70%	4,43%	5,53%	4,03%	5,74%
Equipamentos de transporte industrial	3,61%	3,57%	3,04%	3,36%	3,10%	2,71%	3,69%	4,36%	3,79%	3,11%
Bens Intermediários	62,65%	64,50%	66,23%	65,19%	66,09%	66,91%	67,96%	66,61%	66,88%	64,99%
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria	11,16%	9,58%	11,07%	12,13%	14,25%	15,03%	16,91%	15,34%	16,34%	17,71%
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria	5,77%	6,13%	6,00%	5,73%	5,05%	4,76%	4,73%	6,04%	5,58%	3,34%
Insumos industriais elaborados	25,66%	23,68%	22,49%	23,70%	22,93%	25,17%	27,61%	26,75%	25,23%	25,06%
Insumos industriais básicos	12,89%	18,04%	19,99%	16,99%	17,31%	15,47%	11,70%	11,50%	12,97%	12,49%
Peças e acessórios para bens de capital	2,36%	2,03%	1,93%	1,96%	1,87%	1,85%	2,03%	1,99%	1,75%	1,59%
Peças para equipamentos de transporte	4,82%	5,04%	4,74%	4,68%	4,68%	4,64%	4,98%	5,00%	5,02%	4,81%
Bens de Consumo	18,48%	16,28%	13,89%	13,70%	14,77%	14,55%	15,32%	16,17%	15,63%	13,04%
Bens de consumo duráveis	3,11%	2,98%	2,27%	2,12%	2,86%	2,00%	2,26%	2,99%	3,53%	2,71%
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	15,37%	13,30%	11,62%	11,58%	11,91%	12,55%	13,06%	13,18%	12,10%	10,33%
Combustíveis e Lubrificantes	11,44%	12,04%	12,73%	12,86%	9,13%	11,04%	8,51%	7,17%	9,61%	13,08%
Combustíveis e lubrificantes elaborados	5,32%	3,96%	4,28%	4,43%	3,76%	3,75%	2,34%	1,68%	1,95%	2,52%
Combustíveis e lubrificantes básicos	6,12%	8,07%	8,46%	8,43%	5,36%	7,29%	6,17%	5,49%	7,66%	10,55%
Bens não Especificados Anteriormente	0,09%	0,07%	0,07%	0,07%	0,07%	0,09%	0,09%	0,16%	0,06%	0,05%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

As importações brasileiras também apresentaram crescimento ao longo do período, principalmente bens de capital e intermediário, com variação de 54% e 43%, com destaque para bens de capital, exceto equipamentos de transporte e insumos industriais elaborados, que tiveram aumento de representatividade na pauta importadora. A subcategoria combustível e lubrificante básicos foi a que teve maior decréscimo no período, acumulando uma queda de 16% a partir do ano de 2015, enquanto combustíveis e lubrificantes elaborados cresceram 200%.

Tabela 21 – Importações brasileiras por categoria de uso (2009 – 2018)

Setores de Contas Nacionais - Importação - BR	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total do Período	\$ 127.812.153.899,00	\$ 181.774.969.378,00	\$ 226.244.222.128,00	\$ 223.366.721.023,00	\$ 239.681.231.635,00	\$ 229.127.843.314,00	\$ 163.632.328.802,00	\$ 137.585.830.976,00	\$ 150.749.494.421,00	\$ 181.230.568.862,00
Bens de Capital	\$ 18.468.152.225,00	\$ 25.677.605.283,00	\$ 30.514.694.209,00	\$ 31.657.303.834,00	\$ 32.698.110.414,00	\$ 29.487.932.541,00	\$ 15.503.718.175,00	\$ 18.367.980.776,00	\$ 16.135.084.489,00	\$ 28.589.866.473,00
Bens de capital, exceto equipamentos de transporte industrial	\$ 15.481.611.837,00	\$ 21.084.891.495,00	\$ 25.642.635.828,00	\$ 26.063.975.967,00	\$ 26.646.924.953,00	\$ 23.916.904.005,00	\$ 19.160.166.162,00	\$ 16.063.035.529,00	\$ 13.398.513.306,00	\$ 24.879.910.311,00
Equipamentos de transporte industrial	\$ 2.986.540.388,00	\$ 4.592.713.788,00	\$ 4.872.058.381,00	\$ 5.593.327.867,00	\$ 6.051.185.461,00	\$ 5.571.028.536,00	\$ 4.170.222.970,00	\$ 2.304.945.247,00	\$ 2.736.571.183,00	\$ 3.709.956.162,00
Bens Intermediários	\$ 73.185.246.716,00	\$ 103.643.253.026,00	\$ 124.673.891.808,00	\$ 123.009.802.700,00	\$ 131.657.461.748,00	\$ 126.882.050.237,00	\$ 99.414.313.045,00	\$ 84.959.513.044,00	\$ 93.663.968.955,00	\$ 104.960.643.392,00
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria	\$ 1.848.132.867,00	\$ 1.997.001.936,00	\$ 2.428.786.532,00	\$ 2.571.835.455,00	\$ 3.096.301.220,00	\$ 2.657.797.141,00	\$ 1.703.709.982,00	\$ 2.491.146.453,00	\$ 1.978.237.803,00	\$ 2.165.266.010,00
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria	\$ 1.362.283.611,00	\$ 1.524.402.226,00	\$ 2.121.902.856,00	\$ 2.144.254.081,00	\$ 1.817.239.876,00	\$ 1.893.199.336,00	\$ 1.538.197.601,00	\$ 1.810.189.845,00	\$ 1.723.139.712,00	\$ 1.598.656.968,00
Insumos industriais elaborados	\$ 41.975.425.167,00	\$ 62.227.946.407,00	\$ 74.615.430.901,00	\$ 72.694.243.265,00	\$ 76.513.989.062,00	\$ 75.063.739.871,00	\$ 58.682.727.227,00	\$ 48.241.139.228,00	\$ 55.889.365.289,00	\$ 64.783.763.242,00
Insumos industriais básicos	\$ 2.120.858.343,00	\$ 3.441.585.383,00	\$ 4.553.185.765,00	\$ 3.368.968.085,00	\$ 3.592.906.628,00	\$ 3.361.397.307,00	\$ 2.974.619.617,00	\$ 2.482.588.178,00	\$ 2.953.712.578,00	\$ 3.301.960.463,00
Peças e acessórios para bens de capital	\$ 14.884.563.743,00	\$ 20.040.155.439,00	\$ 23.427.746.078,00	\$ 23.994.257.555,00	\$ 25.939.046.707,00	\$ 25.113.623.200,00	\$ 19.165.543.161,00	\$ 15.882.453.806,00	\$ 18.218.397.761,00	\$ 19.796.828.554,00
Peças para equipamentos de transporte	\$ 10.993.982.985,00	\$ 14.412.161.635,00	\$ 17.526.839.676,00	\$ 18.236.244.259,00	\$ 20.697.978.255,00	\$ 18.792.293.382,00	\$ 15.349.515.457,00	\$ 14.051.995.534,00	\$ 12.901.115.812,00	\$ 13.314.168.155,00
Bens de Consumo	\$ 19.260.051.465,00	\$ 27.096.278.780,00	\$ 34.858.004.122,00	\$ 33.378.723.698,00	\$ 34.674.311.035,00	\$ 33.116.005.313,00	\$ 26.810.051.905,00	\$ 21.728.957.091,00	\$ 23.266.011.409,00	\$ 25.477.505.355,00
Bens de consumo duráveis	\$ 7.397.729.193,00	\$ 11.386.689.435,00	\$ 15.158.758.318,00	\$ 12.789.948.408,00	\$ 12.006.268.142,00	\$ 10.449.289.463,00	\$ 7.217.508.007,00	\$ 4.443.208.160,00	\$ 4.917.875.920,00	\$ 6.227.226.085,00
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	\$ 11.862.322.272,00	\$ 15.709.589.345,00	\$ 19.699.245.804,00	\$ 20.588.775.290,00	\$ 22.668.042.893,00	\$ 22.666.715.850,00	\$ 19.592.543.898,00	\$ 17.285.748.931,00	\$ 18.348.135.489,00	\$ 19.250.279.270,00
Combustíveis e Lubrificantes	\$ 16.782.579.225,00	\$ 25.289.625.749,00	\$ 36.114.674.528,00	\$ 35.260.052.305,00	\$ 40.546.243.984,00	\$ 39.477.720.576,00	\$ 21.717.055.227,00	\$ 12.407.210.241,00	\$ 17.575.275.668,00	\$ 22.033.651.874,00
Combustíveis e lubrificantes elaborados	\$ 3.715.917.991,00	\$ 9.340.704.818,00	\$ 14.714.486.068,00	\$ 13.871.427.152,00	\$ 14.945.921.330,00	\$ 14.666.253.333,00	\$ 6.961.168.514,00	\$ 5.698.159.574,00	\$ 9.493.883.365,00	\$ 11.140.990.036,00
Combustíveis e lubrificantes básicos	\$ 13.066.661.234,00	\$ 15.948.920.931,00	\$ 21.400.188.460,00	\$ 21.388.625.153,00	\$ 25.600.322.654,00	\$ 24.811.467.243,00	\$ 14.755.886.713,00	\$ 6.709.050.667,00	\$ 8.081.392.303,00	\$ 10.892.661.838,00
Bens não Especificados Anteriormente	\$ 116.124.268,00	\$ 68.206.540,00	\$ 82.957.461,00	\$ 60.838.486,00	\$ 105.104.454,00	\$ 164.134.647,00	\$ 187.190.450,00	\$ 122.169.824,00	\$ 109.153.900,00	\$ 168.901.768,00

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

Tabela 22 – Representatividade das importações brasileiras por categoria de uso (2009 – 2018)

Setores de Contas Nacionais - Importação - BR	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Total do Período	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Bens de Capital	14,45%	14,13%	13,49%	14,17%	13,64%	12,87%	9,47%	13,35%	10,70%	15,78%
Bens de capital, exceto equipamentos de transporte industrial	12,11%	11,60%	11,33%	11,67%	11,12%	10,44%	11,71%	11,67%	8,89%	13,73%
Equipamentos de transporte industrial	2,34%	2,53%	2,15%	2,50%	2,52%	2,43%	2,55%	1,68%	1,82%	2,05%
Bens Intermediários	57,26%	57,02%	55,11%	55,07%	54,93%	55,38%	60,75%	61,75%	62,13%	57,92%
Alimentos e bebidas básicos, destinados principalmente à indústria	1,45%	1,10%	1,07%	1,15%	1,29%	1,16%	1,04%	1,81%	1,31%	1,19%
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente à indústria	1,07%	0,84%	0,94%	0,96%	0,76%	0,83%	0,94%	1,32%	1,14%	0,88%
Insumos industriais elaborados	32,84%	34,23%	32,98%	32,54%	31,92%	32,76%	35,86%	35,06%	37,07%	35,75%
Insumos industriais básicos	1,66%	1,89%	2,01%	1,51%	1,50%	1,47%	1,82%	1,80%	1,96%	1,82%
Peças e acessórios para bens de capital	11,65%	11,02%	10,36%	10,74%	10,82%	10,96%	11,71%	11,54%	12,09%	10,92%
Peças para equipamentos de transporte	8,60%	7,93%	7,75%	8,16%	8,64%	8,20%	9,38%	10,21%	8,56%	7,35%
Bens de Consumo	15,07%	14,91%	15,41%	14,94%	14,47%	14,45%	16,38%	15,79%	15,43%	14,06%
Bens de consumo duráveis	5,79%	6,26%	6,70%	5,73%	5,01%	4,56%	4,41%	3,23%	3,26%	3,44%
Bens de consumo semiduráveis e não duráveis	9,28%	8,64%	8,71%	9,22%	9,46%	9,89%	11,97%	12,56%	12,17%	10,62%
Combustíveis e Lubrificantes	13,13%	13,91%	15,96%	15,79%	16,92%	17,23%	13,27%	9,02%	11,66%	12,16%
Combustíveis e lubrificantes elaborados	2,91%	5,14%	6,50%	6,21%	6,24%	6,40%	4,25%	4,14%	6,30%	6,15%
Combustíveis e lubrificantes básicos	10,22%	8,77%	9,46%	9,58%	10,68%	10,83%	9,02%	4,88%	5,36%	6,01%
Bens não Especificados Anteriormente	0,09%	0,04%	0,04%	0,03%	0,04%	0,07%	0,11%	0,09%	0,07%	0,09%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

5.2. Balança Comercial Cearense sob a ótica da Intensidade Tecnológica

Para tentarmos identificar possível desindustrialização no estado do Ceará sob a ótica da intensidade tecnológica das exportações e importações, foi utilizada a classificação da OCDE ajustada para o Brasil.

O objetivo desta análise é identificar o perfil tecnológico dos produtos transacionados na balança comercial com foco principal no setor da indústria de transformação, visando identificar se houve perda de participação da indústria para os setores com menor valor agregado.

A tabela a baixo mostra as exportações cearenses divididas por intensidade tecnológica. Em 2009, as exportações cearenses estavam concentradas em produtos de baixa tecnologia (57,21%) e sem classificação tecnológica (31,35%), aproximadamente 88,5% das exportações, o que evidenciou um alto grau de especialização em bens de baixo valor agregado. Os setores de média-baixa, média-alta e alta intensidade tecnológica representavam, aproximadamente, 4,17%, 5,35% e 1,82% respectivamente.

Já em 2018, pôde-se identificar uma mudança de perfil. As exportações de produtos sem classificação, baixa tecnologia e média-alta caíram para 10,27%, 25,18%, 1,04% respectivamente. As médias baixas intensidades cresceram e atingiram 60% do total exportado, enquanto os produtos alta tecnologia também apresentaram crescimento para 2,83%.

Tabela 23 – Exportações cearenses por intensidade tecnológica (2009 – 2018)

Exportações Por Intensidade Tecnológica - CE				
Intensidade Tecnológica	2009	2012	2015	2018
Sem Classificacao	31,35%	27,00%	24,27%	10,27%
Baixa Intensidade	57,21%	64,39%	65,66%	25,18%
Média-Baixa Intensidade	4,17%	3,55%	4,86%	60,67%
Média-Alta Intensidade	5,35%	3,71%	1,62%	1,04%
Alta Intensidade	1,82%	1,35%	3,59%	2,83%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

O setor cearense responsável pelo expressivo aumento nas exportações da indústria de transformação de alta tecnologia é o de “Máquinas e Aparelhos Eletrônicos”, com US\$ 65,2 milhões em 2018, principalmente devido à exportação de motores, geradores e eletrogeradores. Já na classificação média alta, o setor de “Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios” surge como líder, em 2018, com um montante de US\$ 7,9 milhões vendidos ao exterior. O segmento de “Ferro Fundido, Ferro e Aço” lidera a lista dos setores de média baixa intensidade tecnológica. Já os setores de calçados e de frutas encabeçam os segmentos industriais de baixa tecnologia e sem classificação tecnológica, respectivamente.

Tabela 24 – Ceará: Categorias exportadas por intensidade tecnológicas (2009 – 2018)

Exportações						
Sem Classificação						
SH2	Categoria	2009	2012	2015	2018	Var 2009 - 2018
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	\$ 291.028.202,00	\$ 251.785.834,00	\$ 202.951.083,00	\$ 179.443.031,00	-38,34%
25	Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento	\$ 8.901.229,00	\$ 10.941.892,00	\$ 16.361.451,00	\$ 22.053.780,00	147,76%
99	Transações especiais	\$ 17.619.953,00	\$ 39.338.396,00	\$ 18.513.678,00	\$ 21.758.574,00	23,49%
04	Leite e laticínios; ovos de aves; mel natural; produ	\$ 14.371.422,00	\$ 8.152.477,00	\$ 7.012.759,00	\$ 6.503.016,00	-54,75%
26	Minerios, escórias e cinzas	\$ 1.602.303,00	\$ 19.583.164,00	\$ 3.307.416,00	\$ 5.188.659,00	223,83%

Baixa						
SH2	Categoria	2009	2012	2015	2018	Var 2009 - 2018
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas pa	\$ 298.104.429,00	\$ 338.493.385,00	\$ 283.541.093,00	\$ 266.991.847,00	-10,44%
41	Peles, exceto as peles com pelo, e couros	\$ 118.880.405,00	\$ 205.666.892,00	\$ 161.158.961,00	\$ 74.874.373,00	-37,02%
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de	\$ 23.235.354,00	\$ 53.744.143,00	\$ 48.796.027,00	\$ 64.195.227,00	176,28%
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrad	\$ 42.144.579,00	\$ 32.568.665,00	\$ 46.757.484,00	\$ 62.441.318,00	48,16%
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da	\$ 26.984.963,00	\$ 67.573.019,00	\$ 66.136.493,00	\$ 56.213.996,00	108,32%
52	Algodão	\$ 53.993.253,00	\$ 68.213.662,00	\$ 44.247.469,00	\$ 32.512.653,00	-39,78%

Média-Baixa						
SH2	Categoria	2009	2012	2015	2018	Var 2009 - 2018
72	Ferro fundido, ferro e aço	\$ 20.725.141,00	\$ 4.620.804,00	\$ 9.361.585,00	\$ 1.383.378.380,00	6574,88%
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou d	\$ 10.461.949,00	\$ 13.807.960,00	\$ 13.377.050,00	\$ 16.282.292,00	55,63%
27	Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos d	\$ 3.028.400,00	\$ 18.759.585,00	\$ 23.143.342,00	\$ 18.958.439,00	526,02%
69	Produtos cerâmicos	\$ 158.716,00	\$ 1.165.554,00	\$ 404.898,00	\$ 1.376.850,00	767,49%
73	Obras de ferro fundido, ferro ou aço	\$ 14.396.015,00	\$ 17.376.899,00	\$ 6.272.237,00	\$ 5.230.954,00	-63,66%

Média-Alta						
SH2	Categoria	2009	2012	2015	2018	Var 2009 - 2018
87	Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veícu	\$ 4.672.985,00	\$ 1.844.082,00	\$ 1.688.371,00	\$ 7.922.826,00	69,55%
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos	\$ 11.677.979,00	\$ 11.262.955,00	\$ 6.072.761,00	\$ 5.120.277,00	-56,15%
38	Produtos diversos das indústrias químicas	\$ 181.097,00	\$ 7.065.812,00	\$ 530.186,00	\$ 2.343.814,00	1194,23%
39	Plásticos e suas obras	\$ 1.476.983,00	\$ 1.948.573,00	\$ 1.613.382,00	\$ 1.749.246,00	18,43%

Alta						
SH2	Categoria	2009	2012	2015	2018	Var 2009 - 2018
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas p	\$ 19.526.562,00	\$ 17.002.147,00	\$ 36.067.993,00	\$ 65.222.451,00	234,02%
90	Instrumentos e aparelhos de óptica, de fotografia, e	\$ 70.155,00	\$ 58.068,00	\$ 1.322.094,00	\$ 1.039.599,00	1381,86%
30	Produtos farmacêuticos	\$ 22.448,00	\$ 1.311,00	\$ 81.675,00	\$ 84.901,00	278,21%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

Para as importações, a participação dos setores sem classificação tecnológica caiu de 12,6% para 10,4% entre 2009 e 2018. Os produtos da indústria de baixa tecnologia seguiram o mesmo ritmo, com uma queda de 14,4% para 8,45%.

Tabela 25 – Importações cearenses por intensidade tecnológica (2009 – 2018)

Importações Por Intensidade Tecnológica - CE				
Intensidade Tecnológica	2009	2012	2015	2018
Sem Classificacao	12,60%	10,24%	8,53%	10,46%
Baixa Intensidade	14,42%	11,35%	10,48%	8,45%
Média-Baixa Intensidade	30,98%	31,27%	38,71%	39,08%
Média-Alta Intensidade	24,46%	27,80%	28,71%	27,56%
Alta Intensidade	14,68%	16,42%	12,50%	16,14%

Fonte: Elaboração pelo próprio autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

O segmento que apresentou maiores variações foi o de média baixa tecnologia, que iniciou a série com 30,98% em 2009, para 39% do total importado; essa alternância é explicada pela variação na compra de combustíveis. Os produtos industrializados de alta tecnologia também mantiveram seu ritmo de crescimento, passando de 14,68% para 16,14% no fim do intervalo.

Tabela 26 – Ceará: Categorias importadas por fator intensidade tecnológica (2009 – 2018)

IMPORTAÇÕES						
Sem Classificacao						
SH2	Categoria	2009	2012	2015	2018	Var 2009 - 2018
10	Cereais	\$ 133.209.998,00	\$ 223.830.125,00	\$ 190.563.483,00	\$ 228.018.825,00	71,17%
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	\$ 4.922.297,00	\$ 58.670.928,00	\$ 20.971.308,00	\$ 13.844.764,00	181,27%
52	Algodão	\$ 11.833.872,00	\$ 1.782.246,00	\$ 414.592,00	\$ 13.056.461,00	10,33%
07	Produtos hortícolas, plantas, raízes e tubérculos, cor	\$ 86.721,00	\$ 2.089.752,00	\$ 6.065.436,00	\$ 3.483.415,00	3916,81%
12	Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e f	\$ 1.561.564,00	\$ 1.978.688,00	\$ 3.119.902,00	\$ 2.427.784,00	55,47%

Baixa						
SH2	Categoria	2009	2012	2015	2018	Var 2009 - 2018
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da s	\$ 24.171.263,00	\$ 72.686.322,00	\$ 51.079.885,00	\$ 51.303.457,00	112,25%
55	Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas	\$ 21.068.268,00	\$ 35.374.732,00	\$ 42.239.254,00	\$ 46.882.083,00	122,52%
54	Filamentos sintéticos ou artificiais	\$ 17.805.769,00	\$ 23.765.385,00	\$ 28.187.201,00	\$ 34.198.779,00	92,07%
52	Algodão	\$ 80.933.350,00	\$ 84.337.141,00	\$ 50.782.584,00	\$ 30.063.018,00	-62,85%
44	Madeira, carvão vegetal e obras de madeira	\$ 639.220,00	\$ 2.006.174,00	\$ 7.315.125,00	\$ 13.387.526,00	1994,35%
48	Papel e cartão; obras de pasta de celulose, de papel	\$ 13.497.548,00	\$ 28.079.663,00	\$ 21.316.057,00	\$ 11.874.971,00	-12,02%

Média-Baixa						
SH2	Categoria	2009	2012	2015	2018	Var 2009 - 2018
27	Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos d	\$ 106.348.922,00	\$ 393.979.002,00	\$ 923.904.570,00	\$ 983.507.375,00	824,79%
72	Ferro fundido, ferro e aço	\$ 193.845.910,00	\$ 379.294.588,00	\$ 238.433.052,00	\$ 154.414.955,00	-20,34%
39	Plásticos e suas obras	\$ 28.082.550,00	\$ 64.594.142,00	\$ 67.613.938,00	\$ 63.203.358,00	125,06%
68	Obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica ou d	\$ 1.743.599,00	\$ 28.497.428,00	\$ 10.125.340,00	\$ 19.388.029,00	1011,95%
40	Borracha e suas obras	\$ 5.522.380,00	\$ 12.725.145,00	\$ 14.173.135,00	\$ 13.856.798,00	150,92%

Média-Alta						
SH2	Categoria	2009	2012	2015	2018	Var 2009 - 2018
29	Produtos químicos orgânicos	\$ 54.434.088,00	\$ 83.223.952,00	\$ 138.002.552,00	\$ 192.841.218,00	254,27%
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos	\$ 111.238.629,00	\$ 519.806.582,00	\$ 238.541.478,00	\$ 158.152.147,00	42,17%
38	Produtos diversos das indústrias químicas	\$ 28.082.550,00	\$ 64.594.142,00	\$ 67.613.938,00	\$ 63.203.358,00	125,06%
39	Plásticos e suas obras	\$ 40.152.841,00	\$ 40.864.764,00	\$ 17.498.135,00	\$ 48.862.338,00	21,69%
54	Filamentos sintéticos ou artificiais	\$ 21.068.268,00	\$ 35.374.732,00	\$ 42.239.254,00	\$ 46.882.083,00	122,52%

Alta						
SH2	Categoria	2009	2012	2015	2018	Var 2009 - 2018
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas pa	\$ 181.385.677,00	\$ 314.625.298,00	\$ 160.841.068,00	\$ 185.234.365,00	2,12%
90	Instrumentos e aparelhos de óptica, de fotografia, d	\$ 24.522.656,00	\$ 41.097.333,00	\$ 23.874.481,00	\$ 22.375.874,00	-8,75%
30	Produtos farmacêuticos	\$ 14.166.399,00	\$ 24.604.358,00	\$ 5.002.182,00	\$ 3.998.075,00	-71,78%

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

5.3. Evolução da Pauta: Desempenho revelado pelos setores exportadores

5.3.1. Taxa Simples de Cobertura das Importações

Tomando como base o ano de 2018 e observando os anos anteriores, percebe-se que os principais setores nas exportações cearenses do ano 2009 foram responsáveis por uma parcela importante do total exportado nos demais anos do período analisado, representando mais de 80% do total comercializado.

Os setores que se mantiveram mais importantes ao longo do período, mesmo alguns apresentando variação negativa, foram eles: (72) Ferro fundido, ferro e aço; (64) Calçados, polainas e artefatos semelhantes; (08) Frutas, casca de frutos cítricos e melões; (41) Peles, exceto peles com pelos, e couros; (85) Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes; (20) Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou outras partes de plantas; (03) Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos; (15) Gorduras e óleos animais ou vegetais; e (52) Algodão.

Todos estes alternaram suas posições entre os maiores exportadores do estado do Ceará ao longo dos anos (2009 – 2018). Todos os setores mencionados apresentaram queda de participação do valor do total exportado, exceto (72) Ferro fundido, ferro e aço que apresentou crescimento, chegando a ser responsável por 59% em 2018, alcançando o posto de principal setor exportador cearense. Em 2009, este setor representava aproximadamente 2% e em 2016 se expandiu devido ao início das operações da Companhia Siderúrgica do Pecém – CSP.

Outros setores que tiveram crescimento no valor exportado, mas não tiveram aumento de representatividade: (85) Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes, que exportava US\$ 19 milhões em 2009 e foi para US\$ 65 milhões em 2018; (20) Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou outras partes de plantas, que saiu de US\$ 23 milhões para US\$ 64 milhões; e (15) Gorduras e óleos animais ou vegetais, que saiu de aproximadamente US\$ 27 milhões para US\$ 56 milhões em 2018.

Tendo visto a importância histórica demonstrada por esses setores para o Ceará, faz-se necessário analisar como as exportações se relacionam com as importações do mesmo setor. Utilizando o indicador TC (taxa de Cobertura), podemos ver se as exportações superam as importações em valores do mesmo período.

Tabela 27 – Taxa Simples de Cobertura (2009 – 2018)

Codigo SH2	Exportação	Taxa Simples de Cobertura (TC)									
		2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,106916	0,01503	0,063602	0,012183	0,005728	0,006415	0,039263	3,357047	11,45407	8,958837
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	45,92592	31,12258	33,27993	21,27481	21,88467	22,25892	34,82441	83,55544	45,54893	35,80901
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	59,44431	430,6639	4,623858	4,201349	7,641224	11,84148	9,726603	13,52925	5,273048	12,96409
41	Peles, exceto as peles com pelo, e couros	14,89087	26,58806	29,16113	89,61188	207,1865	1835,557	221,3737	31,81932	6,230068	13,05652
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes;	0,107652	0,10473	0,049432	0,054039	0,199448	0,180687	0,224246	0,209129	0,252189	0,352108
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas	11,88708	9,423284	10,22042	16,55445	8,123485	5,735029	5,574207	7,872167	6,506144	6,654669
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	52,99305	49,04289	17,4111	13,82554	13,00077	9,131213	7,818099	12,67892	7,717816	8,23611
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de origem animal ou vegetal	1,116407	1,98353	0,899586	0,929652	0,772353	1,17641	1,294766	1,082753	0,910676	1,095716
52	Algodão	3,032346	1,311778	0,49644	2,870295	1,690441	0,411897	1,569772	1,273307	0,654928	0,950696

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

Pode-se observar que apenas o setor de (85) Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes não conseguiu atingir valor maior que a unidade, indicando que, apesar do crescimento apresentado nos últimos anos nas exportações, o valor das importações ainda é maior. O setor (72) ferro fundido, ferro e aço permaneceram abaixo da unidade até o ano de 2015; nos anos seguintes, alcançou valor maior que a unidade e apresentou crescimento do seu coeficiente. O setor de (15) Gorduras e óleos animais ou vegetais e o de (52) Algodão ficaram oscilando em torno da unidade ao longo do período. Os demais setores também apresentaram oscilações, mas com valores de coeficiente sempre superiores aos da unidade.

Algumas das oscilações observadas, podem ser resultado de eventos sazonais ocorridos tanto do lado das exportações quanto das importações.

5.3.2. Taxa de Cobertura das Importações (TCM)

Analisando a taxa de cobertura das importações, percebemos que o estado do Ceará possui vantagens comparativas em relação às exportações brasileiras em alguns setores exportadores. Com base no ano de 2018, os setores de Ferro fundido (72), Calçados (64), Frutas (08), Máquinas (85), Preparação de produtos hortícolas (20) e Peixes e Crustáceos (03) possuem vantagem comparativa por possuírem elevado nível de exportação e baixa importação. O setor de Peles (41) também já apresentou vantagem comparativa entre os anos de 2010 e 2015, mas acabou perdendo, provavelmente, por ser um fator sazonal.

Tabela 28 – Taxa de Cobertura das Importações (2009 – 2018)

Codigo SH2	Exportação Descrição SH2	Taxa de Cobertura das Importações (TCM)									
		2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,03487	0,008462	0,020934	0,004185	0,002223	0,002262	0,010912	0,58034	2,048916	1,848339
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	10,051	6,969065	10,9511	10,15126	11,37114	11,43977	16,83841	27,60322	13,57808	12,47582
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	30,68865	276,9713	3,948748	3,900395	7,209046	12,99752	7,941271	11,85646	4,123861	9,331462
41	Peles, exceto as peles com pelo, e couros	0,805531	1,293729	0,832266	1,544532	1,589597	18,04084	1,904095	0,483314	0,157595	0,334669
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos	0,319066	0,454289	0,25405	0,280333	1,226441	1,158713	1,254039	1,09511	1,52141	2,216108
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas	2,090809	2,24712	1,926518	3,110962	2,08911	1,657603	1,332267	1,940773	1,620258	1,420723
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	215,5915	235,4876	102,7278	85,24999	86,29741	68,31168	42,03136	61,72308	43,52333	41,56931
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de	0,455546	0,890334	0,365258	0,351053	0,399021	0,755634	0,667559	0,780266	0,655024	0,834894
52	Algodão	0,944672	0,770393	0,25875	0,456121	0,464064	0,096735	0,1839	0,120197	0,099282	0,09831

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

5.3.3. Coeficiente de Especialização Relativa

Observando o desempenho do Estado no contexto brasileiro, todos os setores tidos como principais em 2018 apresentaram variação do coeficiente. No período analisado, cinco apresentaram evolução e cinco diminuíram. Apesar de ter ocorrido diminuição em alguns setores, nenhuma ficou com coeficiente menor que uma unidade ($CSR > 1$), revelando a existência de maior especialização quando comparado ao Brasil.

Os setores, tidos como tradicionais nas exportações locais, que reduziram o valor do coeficiente, diminuíram sua vantagem em relação à economia brasileira. Essa perda de vantagem pode estar associada tanto ao movimento de produção interna como ao crescimento das exportações do setor em outro Estado.

Os setores (64) Calçados, polainas e artefatos semelhantes e suas partes, (08) Frutas, cascas de frutos cítricos e de melões, (41) Peles, exceto as peles com pelo e couros e (52) Algodão ilustram esse processo em que apresentaram diminuição da competitividade por conta da diminuição das exportações do Estado e devido ao crescimento em outros lugares do país. Somente o setor (64) Calçado, polainas e artefatos semelhantes e suas partes que apresentou queda em um contexto geral. Alguns desses setores, no início do período analisado, chegaram a ser classificados como altamente especializados, quando apresentaram coeficiente maior que 20 ($CSR > 20$).

Os que apresentaram aumento do coeficiente foram (72) Ferro fundido, ferro e aço, (85) Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes, (20) Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas, (03) Peixes e crustáceos, moluscos e outros intervalos aquáticos e (15) Gorduras e óleos animais ou vegetais. Destaque para (72) Ferro fundido, ferro e aço, que saltou de 0,43 em 2009 para 11,99 em 2018, revelando uma crescente especialização estadual.

Tabela 29 – Coeficiente de Especialização Relativa (2009 – 2018)

Codigo SH2	Exportação Descrição SH2	Coeficiente de Especialização Relativa (CSR)									
		2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,437407	0,143323	0,350068	0,082734	0,057957	0,035878	0,192206	3,423284	10,27063	11,99545
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	8,046246	12,51912	12,98281	13,20556	12,05057	11,62181	14,22699	12,86352	9,427994	7,889957
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	22,58777	22,4482	19,14117	19,34417	15,19207	13,80886	17,35048	13,12413	7,502465	7,412815
41	Peles, exceto as peles com pelo, e couros	19,97304	26,16306	18,81129	17,36574	26,14289	22,07913	20,33839	14,98655	8,461283	4,173915
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos	2,389294	1,298991	0,821774	1,568487	2,644425	1,568277	2,914178	4,918616	1,479296	4,618891
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas	2,244905	3,20537	3,222764	4,060998	4,390458	4,121228	5,489023	8,100391	5,039963	4,675321
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	4,049119	6,135773	6,615667	4,853783	6,464852	5,807436	7,677448	6,301375	4,431326	5,621342
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de	4,663583	8,120463	11,99987	15,16408	11,32367	13,5313	14,62453	10,36235	6,741461	6,345687
52	Algodão	45,25952	53,51305	76,20306	69,59758	47,22328	25,63844	39,20756	28,69644	15,16502	13,24959

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

5.3.4. Coeficiente de Especialização (CS)

Com o coeficiente de especialização, é possível observar o nível de concentração da pauta exportadora cearense, em que, ao longo do período analisado, os 10 principais setores foram responsáveis por 80% do volume exportado.

O destaque ocorreu no setor de (72) Ferro fundido, Ferro e Aço, que em 2018 representou 59% do total exportado e que, em períodos anteriores, representara menos de 1%. Em segundo lugar ficou o setor de (64) calçados, polainas e artefatos semelhantes, que veio apresentando quedas em relação a anos anteriores, mas responsável por 11% em 2018. O setor de calçados chegou a ser responsável por 31% das exportações em 2010. O terceiro setor foi o de Frutas, cascas de frutos cítricos, que em 2009 representava 27% e caiu para 7,6% em 2018. Em quarto lugar ficou o setor de Peles, com 3% do total exportado em 2018. Os demais setores mantiveram suas médias de representatividade.

Tabela 30 – Coeficiente de Especialização (2009 – 2018)

Codigo SH2	Exportação Descrição SH2	Coeficiente de Especialização (CS)									
		2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,019231	0,005956	0,016429	0,003656	0,002005	0,001531	0,008965	0,145851	0,507604	0,590663
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	0,276619	0,318192	0,260548	0,267817	0,228993	0,217579	0,271529	0,224703	0,148754	0,113998
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	0,271512	0,222096	0,198851	0,203269	0,159723	0,138589	0,195354	0,156528	0,078322	0,076901
41	Peles, exceto as peles com pelo, e couros	0,110312	0,129292	0,131445	0,162724	0,13674	0,148052	0,154331	0,11227	0,058166	0,031969
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos	0,018119	0,011206	0,006566	0,013452	0,027429	0,020538	0,03454	0,053968	0,012905	0,027848
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas	0,021561	0,026389	0,032598	0,042522	0,033472	0,029023	0,046729	0,054698	0,033348	0,02741
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	0,039107	0,050097	0,038718	0,025768	0,03375	0,031943	0,044777	0,039624	0,026009	0,026661
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de	0,02504	0,035204	0,042107	0,053464	0,039162	0,047565	0,063335	0,044795	0,027115	0,024002
52	Algodão	0,050102	0,052832	0,060086	0,053971	0,039187	0,021872	0,042373	0,034985	0,016273	0,013882

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

5.3.5. Market Share (MS)

O indicador de Market Share (MS) representa a participação do comércio mundial do Estado no comércio mundial brasileiro. Em outras palavras, esse indicador mostra o quanto as exportações cearenses foram responsáveis pelas exportações das categorias de produtos no Brasil.

O estado do Ceará se destaca com 4 categorias de produtos, sendo elas: (72) Ferro fundido, ferro e aço, (64) Calçados, polainas e artefatos semelhantes, (08) Frutas, Cascas de frutos cítricos e de melões, (41) Peles, exceto peles com pelo, e couros, que em suas categorias de produtos, ao nível do Brasil, foram responsáveis por 10%, 17%, 12% e 5% do volume exportado em 2018, respectivamente. Se olharmos do ano de 2009 a 2018, é possível perceber considerável nível de estabilidade em alguns deles e uma tendência de crescimento em outros, evidenciando certo nível de vantagem competitiva.

Tabela 31 – Market Share (2009 – 2018)

Codigo SH2	Exportação	Market Share (MS)									
		2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
72	Ferro fundido, ferro e aço	0,024067	0,038896	0,024108	0,026691	0,043008	0,027183	0,021769	0,026465	0,091454	0,108202
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	0,169215	0,206418	0,188858	0,186533	0,177082	0,17836	0,176529	0,189904	0,192628	0,179363
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	0,238998	0,196286	0,20349	0,193092	0,15766	0,133154	0,149753	0,144787	0,125502	0,124648
41	Peles, exceto as peles com pelo, e couros	0,103789	0,093142	0,09055	0,098387	0,077124	0,073175	0,070912	0,072629	0,07286	0,054482
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos	0,009642	0,005473	0,006193	0,010908	0,007123	0,006317	0,008195	0,02001	0,005575	0,009933
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas	0,011655	0,014963	0,015865	0,018844	0,016686	0,017211	0,021602	0,028969	0,028486	0,024516
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	0,050052	0,056054	0,041189	0,02594	0,033643	0,032001	0,040076	0,041747	0,039813	0,046191
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de	0,024739	0,027882	0,034221	0,040133	0,045598	0,049705	0,047572	0,051812	0,04828	0,043503
52	Algodão	0,064822	0,074554	0,093266	0,03496	0,054887	0,05915	0,044743	0,053226	0,050147	0,032991

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do COMEXSTAR/MDIC

6. Participação da Indústria no Valor Adicionado Bruto e no Emprego Total

Como já mencionado anteriormente, o processo de desindustrialização ocorre quando uma economia apresenta quedas persistentes na participação do Valor Adicionado da indústria no PIB e/ou do Emprego industrial; dessa forma, para garantir que uma região se desindustrializou, necessita-se verificar se ela tem apresentado constantes quedas na sua participação industrial e na geração de empregos desse setor.

6.1. Análise da Participação da Indústria no Valor Adicionado Bruto (VAB)

O Valor Adicionado Bruto é a contribuição ao PIB pelas diversas atividades econômicas. Ele é obtido pela diferença entre o valor de tudo o que é produzido e do que é consumido a partir das atividades econômicas. Os dados foram obtidos por meio de estudos disponibilizados pelo IPECE e pelo IBGE.

Como se pode notar na tabela, em 2009 a indústria cearense apresentou, no primeiro ano da análise, uma participação de 22,2%, posicionando-se como o segundo setor de maior participação do Ceará; em 2017, o valor foi de 17,1%, e a média de participação industrial no referente período foi de 20,2%. Assim como a área industrial, a agropecuária apresentou uma leve tendência à queda entre 2009 e 2017, saindo de 6,0% no primeiro ano para 5,8% no final, mas apresentando quedas mais acentuadas em alguns anos analisados, como 2015, que chegou a atingir uma participação de 4,5%. O setor de serviços foi o que mais se destacou no período da análise. Sua participação saltou, no Valor Adicionado Bruto da economia cearense, de 71,8% em 2009 para 77,2% em 2017. A média do setor no período foi de 74,5%.

Tabela 32 – Ceará: Participação das atividades econômicas no valor adicionado bruto (2009 – 2017)

Ceará - Participação das atividades econômicas no valor adicionado bruto - 2009-2017									
Atividades econômicas	Participação no valor adicionado bruto (%)								
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Total das Atividades	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Agropecuária	6,0	5,1	6,5	4,7	5,1	5,2	4,5	4,7	5,8
Indústria	22,2	21,9	21,3	21,2	20,4	19,2	19,6	19,2	17,1
Indústrias extrativas	0,5	0,5	0,5	0,6	0,6	0,5	0,3	0,2	0,3
Indústrias de transformação	12,7	11,3	10,4	9,8	10,4	9,2	8,5	8,2	8,5
Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e	3,2	3,3	3,1	2,9	2,1	2,3	2,6	3,8	3,8
Construção	5,9	6,8	7,2	7,9	7,3	7,1	8,1	7,0	4,5
Serviços	71,8	73,0	72,2	74,1	74,5	75,6	75,9	76,1	77,2
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	14,6	16,3	15,8	16,2	15,7	16,3	14,9	14,7	15,9
Transporte, armazenagem e correio	3,6	3,3	3,2	3,4	3,5	3,0	2,9	3,0	3,2
Alojamento e alimentação	2,5	2,9	3,0	3,1	3,4	3,5	3,0	3,0	3,2
Informação e comunicação	2,6	2,3	2,2	2,5	2,3	2,4	2,1	2,0	2,1
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	3,4	3,7	3,7	4,0	3,7	3,7	4,4	4,9	4,4
Atividades imobiliárias	8,5	8,2	8,4	8,8	9,5	9,7	10,6	10,6	10,4
Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços	5,5	6,8	7,3	7,1	7,2	7,6	7,6	7,6	7,4
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	24,8	23,8	22,9	22,6	22,9	22,7	23,7	23,3	23,7
Educação e saúde privadas	2,7	2,5	2,7	3,1	3,1	3,4	3,5	3,7	3,8
Outras atividades de serviços	3,4	3,3	3,1	3,2	3,3	3,3	3,3	3,3	3,2

Fonte: Elaboração pelo próprio autor a partir de dados do IBGE e IPECE.

O crescimento do comércio cearense, no período, surge como principal causador desse aumento de participação do setor de serviços, visto que essa foi a única atividade que apresentou crescimento constante, chegando a aproximadamente 15,9% do total contabilizado em 2017, atrás apenas de “administração, saúde e educação públicas e seguridade social”, com 23,7%. O setor Construção teve um papel importantíssimo na manutenção da participação da indústria no valor

adicionado. O setor de construção civil chegou a atingir a participação de 8,5% do valor adicionado no ano de 2015, mas voltou a recuar para baixo da média do período analisado, que foi de 5,87%.

As obras públicas implementadas pelo estado do Ceará foram de suma importância para sustentar o comércio e a construção civil, obras como a construção do Complexo Industrial e Portuário do Pecém, da Siderúrgica e obras hídricas.

Quando focamos a análise apenas na atividade industrial, observamos que o setor líder é Indústria de Transformação, que também é o maior responsável pela forte queda do setor industrial, em termos percentuais, no período analisado, representando 12,7% do total em 2009 e 8,5% em 2017. Analisando em valores reais, verificamos que a indústria tem se mantido nos mesmos patamares de anos anteriores. A queda de participação no total do valor adicionado está ocorrendo devido ao baixo crescimento do setor.

Tabela 33 – Ceará: Participação da indústria no valor adicionado bruto (2009 – 2017)

Ceará - Participação da Indústria no valor adicionado bruto - 2009-2017									
Atividade econômica	Participação no valor adicionado bruto								
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Valor Adicionado Bruto - Cear	R\$ 58.976.208.481,94	R\$ 69.178.379.551,12	R\$ 78.347.417.003,01	R\$ 84.076.396.752,15	R\$ 94.869.897.858,22	R\$ 110.778.790.645,17	R\$ 114.643.469.984,45	R\$ 121.800.203.293,61	R\$ 130.078.888.222,77
Indústria	R\$ 13.104.688.189,44	R\$ 15.177.895.746,00	R\$ 16.668.369.081,32	R\$ 17.811.603.546,49	R\$ 19.347.582.521,89	R\$ 21.219.778.813,77	R\$ 22.419.459.347,07	R\$ 23.383.228.365,26	R\$ 22.194.470.697,28
Indústrias extrativas	R\$ 310.524.702,33	R\$ 352.720.801,44	R\$ 419.054.267,61	R\$ 485.877.504,29	R\$ 613.577.469,86	R\$ 591.363.637,61	R\$ 338.662.655,99	R\$ 194.296.365,49	R\$ 361.122.934,65
Indústrias de Transformação	R\$ 7.464.244.654,19	R\$ 7.784.915.170,65	R\$ 8.123.321.105,00	R\$ 8.272.471.204,57	R\$ 9.829.806.140,10	R\$ 10.200.822.027,06	R\$ 9.744.205.277,35	R\$ 9.991.578.687,52	R\$ 11.007.201.035,88
Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	R\$ 1.865.393.544,27	R\$ 2.312.905.238,17	R\$ 2.466.453.264,13	R\$ 2.437.273.685,85	R\$ 1.992.414.246,66	R\$ 2.546.111.460,92	R\$ 3.029.223.994,51	R\$ 4.669.211.116,32	R\$ 5.004.224.336,76
Construção	R\$ 3.464.525.288,64	R\$ 4.727.354.535,74	R\$ 5.659.540.444,58	R\$ 6.615.981.151,78	R\$ 6.911.784.665,27	R\$ 7.881.481.688,18	R\$ 9.307.367.419,22	R\$ 8.528.142.195,94	R\$ 5.821.922.389,99

Fonte: Elaboração pelo próprio autor a partir de dados do IBGE e IPECE.

Os dados analisados mostram, de forma inconclusiva, que o Estado não passou por um processo de desindustrialização precoce, que é ocasionado pela migração de recursos produtivos de um setor para outro. A perda de participação da indústria no valor adicionado bruto está ocorrendo devido ao seu baixo desempenho em comparação ao setor de serviços, o que também acaba descaracterizando o processo de desindustrialização natural ou positiva por não haver um alto nível de maturidade da indústria.

Tabela 34 – Ceará: Participação das atividades econômicas no valor adicionado bruto (2009 – 2017)

Ceará - Participação das atividades econômicas no valor adicionado bruto - 2009-2017										
Atividades econômicas	Participação no valor adicionado bruto									
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	
Total das Atividades	R\$ 58.976.208.481,94	R\$ 69.178.379.551,12	R\$ 78.347.417.003,01	R\$ 84.076.396.752,15	R\$ 94.869.897.858,22	R\$ 110.778.790.645,17	R\$ 114.643.469.984,45	R\$ 121.800.203.293,61	R\$ 130.078.888.222,77	
Agropecuária	R\$ 3.529.843.496,91	R\$ 3.495.911.337,76	R\$ 5.097.212.797,35	R\$ 3.940.265.410,61	R\$ 4.879.645.424,05	R\$ 5.763.511.925,51	R\$ 5.158.506.084,79	R\$ 5.720.372.249,49	R\$ 7.487.617.906,12	
Indústria	R\$ 13.104.688.189,44	R\$ 15.177.895.746,00	R\$ 16.668.369.081,32	R\$ 17.811.603.546,49	R\$ 19.347.582.521,89	R\$ 21.219.778.813,77	R\$ 22.419.459.347,07	R\$ 23.383.228.365,26	R\$ 22.194.470.697,28	
Indústrias extrativas	R\$ 310.524.702,33	R\$ 352.720.801,44	R\$ 419.054.267,61	R\$ 485.877.504,29	R\$ 613.577.469,86	R\$ 591.363.637,61	R\$ 338.662.655,99	R\$ 194.296.365,49	R\$ 361.122.934,65	
Indústrias de Transformação	R\$ 7.464.244.654,19	R\$ 7.784.915.170,65	R\$ 8.123.321.105,00	R\$ 8.272.471.204,57	R\$ 9.829.806.140,10	R\$ 10.200.822.027,06	R\$ 9.744.205.277,35	R\$ 9.991.578.687,52	R\$ 11.007.201.035,88	
Eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	R\$ 1.865.393.544,27	R\$ 2.312.905.238,17	R\$ 2.466.453.264,13	R\$ 2.437.273.685,85	R\$ 1.992.414.246,66	R\$ 2.546.111.460,92	R\$ 3.029.223.994,51	R\$ 4.669.211.116,32	R\$ 5.004.224.336,76	
Construção	R\$ 3.464.525.288,64	R\$ 4.727.354.535,74	R\$ 5.659.540.444,58	R\$ 6.615.981.151,78	R\$ 6.911.784.665,27	R\$ 7.881.481.688,18	R\$ 9.307.367.419,22	R\$ 8.528.142.195,94	R\$ 5.821.922.389,99	
Serviços	R\$ 42.341.676.795,59	R\$ 50.504.572.467,36	R\$ 56.581.835.124,34	R\$ 62.324.527.795,05	R\$ 70.642.669.912,28	R\$ 83.795.499.905,88	R\$ 87.065.504.552,60	R\$ 92.696.602.678,85	R\$ 100.396.799.619,37	
Comércio e reparação de veículos automotores e motocicletas	R\$ 8.633.954.492,14	R\$ 11.262.688.709,93	R\$ 12.406.826.951,50	R\$ 13.609.371.230,56	R\$ 14.871.213.834,97	R\$ 18.068.406.864,15	R\$ 17.121.575.715,77	R\$ 17.848.915.050,90	R\$ 20.673.216.227,47	
Transporte, armazenagem e correio	R\$ 2.111.581.441,63	R\$ 2.265.115.224,36	R\$ 2.507.521.440,84	R\$ 2.856.250.768,08	R\$ 3.303.040.263,78	R\$ 3.312.596.959,53	R\$ 3.347.922.262,76	R\$ 3.688.333.256,17	R\$ 4.115.324.155,13	
Alojamento e alimentação	R\$ 1.497.998.056,06	R\$ 1.981.792.801,91	R\$ 2.317.679.405,01	R\$ 2.588.000.642,38	R\$ 3.194.280.716,32	R\$ 3.877.361.129,34	R\$ 3.428.980.682,67	R\$ 3.639.202.895,43	R\$ 4.146.651.203,21	
Informação e comunicação	R\$ 1.560.166.773,02	R\$ 1.601.407.171,77	R\$ 1.719.840.592,67	R\$ 2.104.858.098,01	R\$ 2.188.051.421,56	R\$ 2.687.550.962,35	R\$ 2.365.904.690,25	R\$ 2.482.714.661,59	R\$ 2.746.052.258,85	
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	R\$ 2.029.557.070,06	R\$ 2.588.202.337,12	R\$ 2.891.154.202,03	R\$ 3.381.542.959,31	R\$ 3.474.611.335,35	R\$ 4.147.664.104,46	R\$ 5.070.898.319,35	R\$ 5.919.188.101,15	R\$ 5.772.796.147,54	
Atividades Imobiliárias	R\$ 5.020.254.728,50	R\$ 5.695.378.946,46	R\$ 6.570.207.967,38	R\$ 7.390.860.961,50	R\$ 9.013.190.684,21	R\$ 10.791.466.955,87	R\$ 12.128.158.749,13	R\$ 12.903.661.795,17	R\$ 13.494.078.436,39	
Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares	R\$ 3.240.270.492,90	R\$ 4.678.127.451,01	R\$ 5.681.958.520,07	R\$ 6.010.723.353,01	R\$ 6.811.641.822,09	R\$ 8.409.203.483,48	R\$ 8.668.894.331,99	R\$ 9.249.351.978,16	R\$ 9.572.062.179,97	
Administração, defesa, educação e saúde públicas e seguridade social	R\$ 14.634.388.531,46	R\$ 16.430.303.619,57	R\$ 17.960.234.774,70	R\$ 19.039.253.721,65	R\$ 21.711.314.442,59	R\$ 25.097.732.580,31	R\$ 27.124.079.769,71	R\$ 28.422.569.900,57	R\$ 30.810.364.404,12	
Educação e saúde privadas	R\$ 1.620.074.290,99	R\$ 1.751.722.363,23	R\$ 2.076.875.726,90	R\$ 2.615.112.236,72	R\$ 2.986.845.049,66	R\$ 3.750.350.259,32	R\$ 4.069.535.278,48	R\$ 4.518.794.985,70	R\$ 4.900.558.497,36	
Outras atividades de serviços	R\$ 1.993.430.918,82	R\$ 2.249.833.841,99	R\$ 2.449.535.543,24	R\$ 2.728.553.823,82	R\$ 3.088.480.341,76	R\$ 3.653.166.607,06	R\$ 3.739.554.752,48	R\$ 4.023.870.054,01	R\$ 4.165.696.109,33	

Fonte: Elaboração pelo próprio autor a partir de dados do IBGE e IPECE.

6.2. Análise da Participação da Indústria no Emprego total

O número de vínculos empregatícios no Ceará tem aumentado de forma elevada, principalmente quanto aos empregos no setor de comércio e serviços. Na indústria, o destaque fica por conta dos setores de serviços de eletricidade, água e esgoto, entre outros. Esses segmentos foram responsáveis, de 2009 a 2018, pela expansão de aproximadamente 230 mil novos postos de emprego formal.

O Emprego total exibiu um crescimento menos expressivo em relação ao Valor Adicionado Bruto, crescendo 19% entre 2009 e 2018. A indústria de transformação mantém-se responsável por uma parte considerável dos empregos e atingiu, em 2014, o seu melhor desempenho no período analisado, quando foi responsável por 17% do Emprego total no Ceará. No entanto, observa-se, nesse subsetor, uma leve tendência à queda, de 2,65%, entre os anos 2009 e 2018. A agropecuária também apresentou queda de 7% no mesmo período.

Tabela 35 – Ceará: Nível de emprego por atividade econômica (2009 – 2018)

Empregos em 31/12 por Setor - Ceará										
Conteúdo: Qtd Vínculos										
IBGE Setor	Ano									
	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
1 - Extrativa Mineral	2.713	2.654	2.812	3.127	3.583	3.336	3.357	2.999	2.701	2.835
2 - Indústria de Transformação	236.851	251.357	251.767	258.974	263.819	264.640	247.716	232.501	226.013	230.574
3 - Serviços Industriais de Utilidade Pública	6.874	7.187	7.603	6.222	7.796	8.974	9.609	8.556	9.062	9.360
4 - Construção Civil	58.435	75.973	84.994	81.400	84.619	92.801	84.265	61.516	56.267	56.958
5 - Comércio	185.522	209.548	230.755	245.784	259.949	274.168	273.851	260.979	259.124	256.392
6 - Serviços	334.959	369.096	401.345	428.420	454.959	489.854	490.382	483.741	484.052	502.882
7 - Administração Pública	386.474	387.697	403.177	374.726	395.278	391.925	406.057	369.758	404.399	389.991
8 - Agropecuária, Extração Vegetal, Caça e Pesca	24.433	22.280	24.453	24.995	25.920	26.749	27.522	23.315	23.330	22.712
Total	1.236.261	1.325.792	1.406.906	1.423.648	1.495.923	1.552.447	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados do PDET/Ministerio da Economia.

Essa análise permitiu observar que houve queda na participação da indústria no Emprego total cearense, o que pode ser caracterizado como uma das etapas do processo de desindustrialização; no entanto, esse decréscimo não gerou aumento da participação do setor primário, e sim do setor de serviços, assim como no caso do Valor Adicionado Bruto.

7. Conclusão

Na análise do presente estudo, concluímos que a economia cearense não passou por um processo de desindustrialização no intervalo de 2009 a 2018, pois não foram encontradas evidências que corroborassem com tal afirmação. No entanto, foi possível identificar pontos de atenção que, em um futuro próximo, podem vir a se tornar a base de um processo de desindustrialização.

Sob a ótica do Comércio Exterior, a pauta de exportações cearenses não seguiu o padrão brasileiro de reprimarização. Quando analisado, o nível tecnológico das exportações nos permite identificar uma mudança de perfil no período estudado, principalmente nos anos de 2015 a 2018. Os setores definidos como sem-classificação tecnológica, em que estão localizadas as commodities, tiveram uma drástica diminuição, de 31% para 10%, enquanto os de média baixa intensidade tecnológica evoluíram, passando a representar 60% do total exportado, o que descaracteriza a hipótese de desindustrialização precoce, em que as exportações estão focadas em bens primários. As indústrias de média alta e de alta tecnologia não apresentaram variações significativas, o que reforça a negativa sobre o processo de desindustrialização.

O Ceará teve nove setores responsáveis por mais de 90% de tudo o que foi exportado em 2018. No entanto, o Coeficiente de Especialização Relativa vem mostrando um alto nível de especialização nesses setores, o que acaba gerando certo conforto ao nosso estado quanto à sua dependência.

No âmbito das importações, os setores de maior intensidade tecnológica também exibiram aumento. O de alta intensidade passou de 14% para 16%, acompanhado pelo de média alta intensidade, que foi de 24% para 27% no mesmo período. Esse elevado percentual pode ser explicado da seguinte maneira: o Estado tem buscado a modernização de seu parque industrial por meio das importações, isso por não ter conseguido desenvolver uma tecnologia que suprisse sua demanda ou por não ter buscado inovações que acabam sendo incorporadas aos bens importados.

Na análise do Valor Adicionado, a participação da Indústria cearense exibiu um perfil de decréscimo no período analisado, no entanto não apresentou quedas constantes, requisito básico para um diagnóstico positivo de desindustrialização. Desagregando os dados, percebe-se que a indústria de transformação, maior participante dentre os subsetores industriais, foi a maior responsável pela redução. Desde 2009, o segmento de transformação industrial vem decrescendo, saindo de 12% para 8% em 2017.

O ponto a ser destacado positivamente, e a ser considerado uma justificativa para a sustentação da indústria do Ceará no período, é o subsetor de construção civil. O segmento, desde 2009, exibiu fortes crescimentos, chegando, em 2015, a representar 8,1% do Valor Adicionado Total do Estado, mas em 2017 apresentou uma queda brusca, chegando 4,5%; tal queda deveu-se ao quadro geral da economia brasileira.

As evidências de que os bens de menor valor agregado, como as commodities, têm se incorporado à participação industrial na economia cearense, a exemplo do Brasil, e foram negadas tanto nas análises do Emprego quanto na análise do Valor Adicionado. Pelo contrário, a agropecuária do Estado exibiu quedas em proporções semelhantes às da indústria.

O setor de serviços, com nível considerável de produtividade tanto na produção quanto no emprego, principalmente no segmento comercial, englobou a participação perdida pela indústria

no intervalo de 2009 a 2017. Esse fato pode fazer surgir a hipótese de que o Ceará não passou pela chamada Doença Holandesa, mas sim por uma desindustrialização chamada de “Natural”, definida como o processo de perda industrial para os serviços e exemplificada em alguns países europeus. No entanto, é requisito necessário que a região que se desindustrializa “naturalmente” ou “positivamente” tenha alcançado um setor industrial maduro e em uma fronteira tecnológica, justificando, assim, a perda de participação da indústria por estar no nível máximo de produção. Isso não pode ser comprovado no caso cearense, que tem sua produção industrial ainda fortemente voltada para bens de mão de obra intensiva, como é o caso do setor de Ferro e Aço, que atualmente se apresenta como líder.

8. Bibliografia

BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos; MARCONI, Nelson. **Doença Holandesa e Desindustrialização**. Valor Econômico. Março, 2009. Disponível em: http://www.bresserpereira.org.br/Articles/2009/09.11.25.Doenca_holandesa_e_desindustrializacao.pdf. Acesso em maio de 2020.

BRESSER-PEREIRA, L. C.; MARCONI, NELSON. **Existe Doença Holandesa no Brasil?** IV Fórum de Economia da Fundação Getúlio Vargas. Março, 2008. Disponível em: http://www.bresserpereira.org.br/Papers/2010/2010.Existe_doenca_holandesa_no_Brasil.pdf. Acesso em maio de 2020.

BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. **Maldição dos Recursos Naturais**. Folha de São Paulo. Junho, 2005. Disponível em: http://www.bresserpereira.org.br/Articles/2006/387.Maldicao_dos_recursos_naturais.pdf. Acesso em maio de 2020.

BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. **Desindustrialização e Doença Holandesa**. Folha de São Paulo. Abril, 2007. Disponível em: http://www.bresserpereira.org.br/Articles/2007/07.04.09.Desindustrializacao_e_doenca_holandesa.pdf. Acesso em maio de 2020.

BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. **Neutralização da Doença Holandesa**. Valor Econômico. Maio, 2007. Disponível em: http://www.bresserpereira.org.br/Articles/2007/07.05.31.Neutralizacao_da_doenca_holandesa.pdf. Acesso em maio de 2020.

ALMEIDA, J. S. G.; FEIJÓ, C. A.; CARVALHO, P. G. M. **Mudança estrutural e produtividade industrial**. São Paulo: IEDI, 2007.

AVELLAR, A. P. M. de; DAMASCENO, A. O.; CARVALHO, L.. Panorama da Indústria Brasileira nos anos 2000. In: **Indústria, crescimento e desenvolvimento**/ Flávio Vilela Vieira, org. – Campinas, SP: Editora Alínea, 2014.

BONELLI, R.; PESSÔA, S. de A. **Desindustrialização No Brasil: Um Resumo Da Evidência**. Texto para discussão número 7. Fundação Getúlio Vargas: Instituto Brasileiro de Economia. 2010.

PALMA, J. G. **Quatro fontes de “desindustrialização” e um novo conceito de “doença holandesa”**. Conferência de Industrialização, Desindustrialização e Desenvolvimento organizada pela FIESP e IEDI, Centro Cultural da FIESP, 28 de Agosto de 2005.

CARVALHO, D. F.; CARVALHO, A. C. Desindustrialização e Reprimarização da Economia Brasileira Contemporânea num Contexto de Crise Financeira Global: Conceitos e Evidências. **Revista economia Ensaios**, v.16, n.1, 2011, p.35-64.

CARVALHO, L.; KUPFER, D. **A transição estrutural da indústria brasileira: da diversificação para a especialização**. Anais do XXXV Encontro Nacional de Economia da ANPEC, Recife, 2007.

LAMONICA, M. T.; FEIJÓ, C. A. Crescimento e industrialização no Brasil: uma interpretação à luz das propostas de Kaldor. **Revista de Economia Política**, vol. 31, nº 1 (121), pp. 118-138, janeiro-março, 2011.

MARCONI, N.; ROCHA, M. **Insumos Importados e Evolução do Setor Manufatureiro no Brasil**. Texto para Discussão, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) 1780. 2012.

OREIRO, J. L.; FEIJÓ, C. A. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. **Revista de Economia Política**, vol. 30, nº 2 (118), pp. 219-232, abril-junho/2010.

TREGENNA, F. Characterizing deindustrialization: an analysis of changes in manufacturing employment and output internationally. **Cambridge Journal of Economics**, vol. 33. p. 433- 466, 2009.

SONAGLIO, Cláudia Maria et al. **Evidências de desindustrialização no Brasil: uma análise com dados em painel**. Economia Aplicada, Ribeirão Preto, v. 14, n. 4, p. 347-372, out./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ecoa/v14n4/a05v14n4.pdf>. Acesso em maio 2020.

SOUZA, Iago Emidio Lutz de. **Desindustrialização nos estados brasileiros: uma análise em painel para o período 1996-2014**. 2016. 72 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18113/1/DesindustrializacaoEstadosBrasileiros.pdf>. Acesso em maio de 2020

CHANG, Há-Joon. **Chutando a Escada: estratégia de desenvolvimento numa perspectiva histórica**. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: UNESP, 2004.

FONTENELE, A. M.; MELO, M. C. P. **Inserção internacional da economia cearense: potencialidades e limites para o crescimento**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.

FONTENELE, A. M.; MELO, M. C. P. **Desempenho Externo Recente da Região Nordeste do Brasil: Uma Avaliação da Competitividade e Potencialidades de Expansão dos Setores Exportadores Estaduais**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2005.

MOREIRA, Carlos Américo & ALMEIDA, Agamenom Tavares. **“A dinâmica do investimento direto estrangeiro no Brasil em meio à crise econômica mundial e impactos sobre a conta de transações correntes”**. Anais do XVII Encontro Nacional de Economia Política. Rio de Janeiro, 2012.

MOREIRA, Carlos Américo L.; MAGALHÃES, Emanuel Sebag de. Um novo padrão exportador de especialização produtiva? Considerações sobre o caso brasileiro. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**. Junho, 2014.

COMEX STAT. Ministério Da Economia. Secretaria de comercio Exterior. Estatísticas do Comércio Exterior. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Diversos acessos em 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Diversos acessos em 2020.

IPEADATA. Base de Dados do Instituto de Pesquisa em Economia Aplicada (IPEA). Macroeconômico. Disponível em: <http://ipeadata.gov.br/Default.aspx>. Diversos acessos em 2020.